

Formatura

A festa antes do futuro

A colação de grau representa um ritual de passagem na Universidade. O estudante se depara com a ausência dos privilégios da vida universitária e precisa enfrentar o mercado de trabalho. O que muda quando se tem um diploma na mão? Por que investir tanto em uma festa de formatura? O que foi alterado na cerimônia ao longo das décadas? [Página central](#)



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

FOMENTO

Bolsas Capes terão aumento de 20%

O reajuste passará a valer a partir de março de 2008 para bolsas de mestrado e doutorado. A medida integra o Plano de Ação da Ciência, Tecnologia e Inovação do governo federal, que também prevê o financiamento de projetos de popularização da ciência. O total do investimento deverá alcançar 7 milhões de reais. [Página 3](#)

ARGENTINA

Cristina governará povo cansado de políticos

A peronista chega à Casa Rosada com larga margem de votos, mas o historiador do IFCH, César Augusto Barcellos Guazelli, adverte sobre o crescente desencanto dos argentinos em relação à política nacional. A nova presidente aposta em seu carisma. [Página 10](#)

EMISSORAS PÚBLICAS

“Atuação em blocos é fundamental”

A declaração é do presidente da Associação de Rádios Universitárias Nacionais Argentinas (Aruna), Omar Turconi. O dirigente, que esteve na UFRGS participando do Encontro de Rádios e TVs Universitárias Federais do Brasil, defendeu o intercâmbio de conteúdos entre as rádios. [Página 5](#)

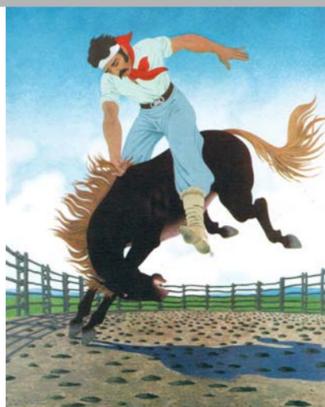
REPRODUÇÃO/ILUSTRAÇÃO NELSON BOEIRA FAEDRICH

RELIGIÃO

Artigo sobre o cenário religioso brasileiro registra o avanço do protestantismo. Amparado em dados divulgados pelo IBGE, que indicam a intensa mobilidade entre igrejas, o antropólogo Carlos Steil sustenta que o catolicismo está enfraquecendo, tornando-se um “doador universal de fiés”. [Página 2](#)

MITOS

Figuras emblemáticas da literatura americana, como o gaúcho, ganharam verbetes no *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*, lançado pela Editora da UFRGS e Tomo Editorial. Organizada pela professora Zilá Bernd do Programa de Pós-graduação em Letras, a obra traz 110 verbetes produzidos por 77 especialistas estrangeiros. [Página 13](#)



APICULTURA

Ao longo dos últimos anos, os apicultores têm sofrido com fenômenos de mortandade e evasão de abelhas. Em 2007, somente os Estados Unidos perderam mais de meio milhão de colônias. No Rio Grande do Sul, a produção de mel neste ano deve diminuir até 30%. O professor da Faculdade de Agronomia, Aroni Sattler, explica as causas dessas perdas. [Página 11](#)



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Cartas



Gostaria de sugerir uma reportagem sobre a ampliação da licença-maternidade, uma questão que afeta todas as mulheres que hoje estão no mercado de trabalho e temem perder seus empregos com a implantação da medida.

Julia Silveira

Ex-aluna da Escola de Enfermagem

Quero saber por que o Jornal da Universidade está demorando tanto a chegar aqui no Campus do Vale. O JU noticia uma série de coisas importantes e, quando consigo encontrá-lo, alguns dos eventos divulgados já aconteceram. Acho que deveria haver reposição dos exemplares distribuídos no RU, nos bares e na Livraria do Campus.

João L. Menezes
Estudante do IFCH

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



► **DÉCADA DE 40** Inaugurado em 1924, o imponente prédio da antiga Faculdade de Medicina da UFRGS passou por inúmeras ampliações e reformas. Parte de sua história é resgatada na reportagem da página 6 desta edição.

Espaço da Reitoria

Planejamento e investimento

É lugar comum fazer balanço quando se chega ao mês de dezembro. Mas para a UFRGS, contabilizar o que foi realizado em um ano de atividades é uma maneira de prestar contas à sua grande comunidade acadêmica e à sociedade gaúcha. Certamente, alguns dirão que muito ainda está por ser realizado. O que é absolutamente verdadeiro. A vida na Universidade é dinâmica e decorre disto a dificuldade em medir o grau de importância deste ou daquele projeto realizado. Investir em educação e cultura requer planejamento, esforço conjunto e condições materiais e físicas para que possam ser alcançados os resultados esperados.

Começamos o ano implementando mudanças significativas no Concurso Vestibular, com a realização das

provas em apenas quatro dias e sua aplicação em três cidades do interior do estado. Dentre as diversas ações de internacionalização, foram estabelecidas parcerias com a Universidade de Cabo Verde para a realização de três cursos de mestrado e a implantação da primeira universidade pública daquele país, bem como com Moçambique, para a criação do mestrado em desenvolvimento rural.

Amparado no Plano de Gestão “Compromisso com a Universidade 2004-2008”, foram realizadas novas obras, recuperados prédios, salas de aula e desenvolvidas ações de ampliação e construção de restaurantes universitários. Buscando a modernização de setores estratégicos para a divulgação da produção acadêmica, entraram em funcionamento os novos

equipamentos da Gráfica, que irão permitir o aumento da capacidade de impressão e da qualidade do atendimento de nossa comunidade.

O investimento em infra-estrutura, que resulta em melhores condições de trabalho, somado ao esforço individual e coletivo de nossos professores, técnicos e estudantes foi fator preponderante para a excelente avaliação da pós-graduação, divulgada pela Capes em outubro passado, que coloca a nossa universidade no topo das federais.

Mas 2007 é um ano que ficará na história da UFRGS, pois sua comunidade, representada pelo Conselho Universitário, aprovou o programa de medidas afirmativas, cujos reflexos já estão presentes nas inscrições do próximo Concurso Vestibular. O suces-

so das edições dos Salões de Extensão e Iniciação Científica, bem como a consolidação dos cursos de graduação na modalidade de educação a distância nas áreas de Administração, Pedagogia, Música e Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural são algumas das ações de um sistema de ensino que integra graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão, permitindo ao aluno uma formação diferenciada e extremamente qualificada.

Com a participação de todos, chegamos ao final de um ano bastante rico, e queremos aproveitar para desejar a cada um e as seus familiares um 2008 de saúde e fraternidade.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Antônio Sanseverino, Artur Lopes,
Dirce Maria Antunes Suertegaray,
Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda,
Helen Beatriz Frota Rozados,
Márcia Benetti Machado,
Maria Henriqueta Luce Kruse

Editora-chefe
Ânia Chala
Repórteres desta edição
Ânia Chala, Caroline da Silva
e Jacira Cabral da Silveira
Bolsista
Juliano Tatsch (Jornalismo)
Colaborou nesta edição
Fernando Favaretto
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Cadinho Andrade, Camilla Ross
e Flávio Dutra
Revisão
Ânia Chala, Caroline da Silva
e Jacira Cabral da Silveira
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

e-mail: jornal@ufrgs.br

Artigo

O protestantismo avança ou o catolicismo se enfraquece?

O cenário religioso brasileiro mudou muito rapidamente nas últimas duas décadas. Quando comparamos os números dos recentes censos nacionais, podemos observar o aumento da diversificação de alternativas religiosas, associado a uma intensa mobilidade de pessoas entre as igrejas e setores. Este contexto levanta algumas questões que precisam ser investigadas para que se possam compreender as transformações que os números estatísticos estão apontando. Quais igrejas ou grupos religiosos perdem fiéis e quais recebem? Qual o perfil dos que deixam e dos que permanecem em suas igrejas de origem? O que buscam aqueles que mudam de religião?

Buscando uma aproximação do problema, apresentamos uma tabela que mostra a distribuição da população do Brasil em termos de suas declarações sobre seus pertencimentos religiosos no censo de 2000.

Para uma visão da mobilidade religiosa com relação às tendências majoritárias na sociedade brasileira, apresentamos um outro quadro dos últimos três censos. Esta tabela comparativa mostra a tendência de crescimento dos protestantes e dos “sem religião” e um decréscimo dos católicos.

A esses dados podemos acrescentar outros da pesquisa nacional realizada pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (Ceris) em 2004, através dos quais se constata que, nos últimos 10 anos, 15.296.620 pessoas

	1980	1991	2000
CATÓLICOS	89%	84%	74%
PROTESTANTES	4%	9%	15%
SEM RELIGIÃO	1%	4,8%	7%

Fonte: IBGE (Censo 1980/1991/2000)

deixaram o catolicismo e migraram para outros grupos, especialmente para o pentecostalismo (58,9%) e para o grupo dos “sem religião” (10,9%).

Ao longo do século XX, a presença estatística dos católicos na sociedade brasileira diminuiu significativamente em relação aos demais grupos. A novidade dos últimos anos foi a aceleração que este movimento tomou. Se de 1980 a 1991, a perda foi de 5%, na década seguinte, esta porcentagem dobrou, segundo as informações do censo. E continua crescendo pelos dados da pesquisa do Ceris, numa porcentagem de 12% na última década. Em contrapartida, os protestantes cresceram 71% no mesmo período, o que nos permite afirmar que os brasileiros estão se tornando cada vez mais protestantes.

Se é verdade que há uma mobilidade entre todos os grupos religiosos com ganhos e perdas de fiéis, também podemos observar que o catolicismo é o grupo que mais fornece fiéis para os outros. O que o coloca na condição de “doador universal” de fiéis. Dos 125 milhões de católicos brasileiros, mais de 15 milhões migraram

Total da população	169.799.170
Católicos romanos	124.976.912
Protestantes	26.166.930
Espíritas	2.337.432
Religiões Afro-Brasileiras	571.329
Judeus	101.062
Religiões Orientais	427.449
Sem religião	12.330.101
Não identificados	382.489
Outros	2.118.055

Fonte: IBGE Censo 2000

para outros grupos nos últimos 10 anos, especialmente para o protestantismo.

Convém perguntar que tipo de protestantismo está crescendo e qual o modelo de religião oferecido para atrair tantos adeptos. Em linhas gerais, podemos afirmar que o protestantismo em ascensão no Brasil é do tipo pentecostal ou evangélico, para usar a autodenominação de seus seguidores. Para além das divisões internas de suas igrejas e denominações, há elementos comuns ao pentecostalismo, que resultam num modelo específico de organização, de crenças, de rituais, de valores e de formas de expres-

são. Todas as religiões cristãs no Brasil hoje tendem a assumir um padrão estético e ideológico que podemos identificar como pentecostal.

No caso do catolicismo, a conformação a este modelo se dá, sobretudo, por meio da Renovação Carismática Católica (RCC), que incorpora os traços fundamentais da retórica e da ideologia pentecostais. É isto que faz com que seja difícil para um leigo distinguir a performance de um padre Marcelo Rossi daquela que é executada num culto. Se pensarmos que a RCC é o movimento que mais cresce no interior da Igreja Católica, poderíamos dizer que o catolicismo não só está perdendo fiéis para o pentecostalismo, mas ele mesmo está deixando de ser católico, uma vez que o seu setor mais dinâmico é justamente aquele que assume uma identificação mimética com o modelo pentecostal.

Neste sentido, é possível dizer que não apenas os brasileiros estão se tornando protestantes, mas as religiões cristãs no Brasil tornam-se cada vez mais protestantes. Este modelo, no entanto, ultrapassa as fronteiras do religioso e, pouco a pouco, vai marcando a cultura brasileira. O modelo que conforma o religioso define também outras dimensões da vida social, imprimindo sua estética e ideologia nas relações sociais e no modo pelo qual os brasileiros se posicionam no mundo.

Carlos Alberto Steil
Professor do Departamento de Antropologia



Extensão Fotografia

O Núcleo de Fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) está com inscrições abertas para novos cursos de extensão a serem realizados em janeiro de 2008. As atividades abordam o ato de fotografar e os processos posteriores, em diversos estágios, do nível básico ao especializado, incluindo técnicas de fotoacabamento, oficinas de laboratório, fotografia digital, micro e macrofotografia, pesquisa e ensaios experimentais. O programa detalhado dos cursos pode ser visualizado no endereço www.fotografia.ufrgs.br. Outras informações pelo telefone 3308-5147.

MÁRIO BITT-MONTEIRO



Núcleo da Fabico
realizará cursos
em janeiro

Pesquisa Bolsas para cientistas sociais na Alemanha

Com o objetivo de intensificar a cooperação com os pesquisadores latino-americanos nas áreas de ciências jurídicas, econômicas e sociais, a Fundação Humboldt, em cooperação com a Fundação Fritz Thyssen, está oferecendo o programa de bolsas Thyssen-Humboldt de Curta Duração para Cientistas

Sociais da América Latina. A ideia é oportunizar a realização de projetos de pesquisa de escolha própria na Alemanha.

O trabalho de investigação deve ter a duração total de seis meses, divididos em duas estadas dentro dos períodos de férias letivas na América Latina, ou seja, entre dezembro e março. Está

previsto um encontro na Alemanha de todos os bolsistas para a formação de uma rede especializada e regional. Os resultados serão publicados numa coletânea em vários idiomas. Ex-bolsistas da Fundação Humboldt não podem candidatar-se a este programa. A Fundação Humboldt receberá inscrições para o período 2009-2010

até 30 de abril de 2008. A descrição dos pré-requisitos e documentos necessários para a candidatura, bem como detalhes do programa podem ser encontrados no site http://www.humboldt-foundation.de/en/programme/stip_aus/thk.htm. Outros esclarecimentos serão prestados através do e-mail info@avh.de.

Apicultura Universidade sedia Confederação

Desde o dia 10 deste mês, a Faculdade de Agronomia da UFRGS abriga oficialmente a sede da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA). Segundo o presidente da entidade, o gaúcho José Gomerindo Corrêa da Cunha, "pela primeira vez em sua história, a apicultura brasileira pode contar com uma moderna infra-estrutura, que permitirá o adequado suporte estratégico e institucional à cadeia produtiva do mel". A reforma da sala em que está sediada a CBA foi possível graças a um convênio entre a Confederação e a Universidade, com recursos da Fundação Banco do Brasil. Junto à sede, está localizado o Laboratório de Patologia Apícola, coordenado pelo professor Aroni Sattler, entrevistado nesta edição sobre as recentes mortandades de abelhas (*reportagem da página 11*). Outras informações no site www.brasilapicola.com.br ou pelo telefone 3308-7411.

Seleção Educação especial

O Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS, através de seu Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (Nepie), está com inscrições abertas para a seleção do curso de especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos. Podem participar profissionais de Pedagogia, Psicologia e Licenciaturas. O curso será realizado no período de março de 2008 a julho de 2009. As inscrições podem ser feitas até 5 de janeiro de 2008. Informações pelo telefone 3308-3433 ou no site www.ufrgs.br/faced/pos/

Veterinária Especialização

Estão abertas até o próximo dia 13, as inscrições para a sexta edição do curso de especialização em Produção, Tecnologia e Higiene de Alimentos de Origem Animal, promovido pelo Centro de Ensino, Pesquisa e Tecnologia de Carnes (Cepetec) da Faculdade de Veterinária. O curso irá oferecer uma visão global da produção, tecnologia, higiene e vigilância de alimentos de origem animal. As inscrições devem ser feitas no Cepetec (Av. Bento Gonçalves, 8.834). Mais informações em www.ufrgs.br/cepetec ou pelo telefone 3308-9994.

REPRODUÇÃO



Artes visuais Aluna da UFRGS no 7º Salão de Guarulhos

Fernanda Manéa, aluna do curso de graduação em Artes Visuais, ênfase em Desenho no Instituto de Artes da UFRGS, participou do 7º Salão de Artes Visuais de Guarulhos, conquistando o segundo lugar na votação popular com a fotografia "O que você esconde de si mesmo?". Fernanda é orientada pelo professor Flávio Gonçalves e deverá graduar-se no primeiro semestre de 2008. Ela já fez 10 exposições e seu trabalho mais recente, no qual desenvolve desenhos para intervenções urbanas que são posteriormente fotografados e colocados nas ruas, teve início em fevereiro de 2005.

Bolsa Professor visitante

O professor do Departamento de História, Francisco Marshall, recebeu uma bolsa Humboldt e vai passar um ano como professor-visitante na Universidade de Heidelberg, Alemanha, a partir de fevereiro de 2008. A bolsa Humboldt valoriza toda a trajetória científica pregressa, especialmente o desempenho internacional, avaliado juntamente com todas as publicações e realizações. No ano passado, apenas dois brasileiros foram agraciados.

Prêmio Aluno do IA vence concurso

Josias Matschulat, aluno do Programa de Pós-graduação em Música, venceu o concorrido Concurso de Piano Grieg-Nepomuceno 2007, realizado em outubro, em Brasília. O concurso, promovido pela Embaixada Real da Noruega no Brasil, pelo Instituto Cultural Grieg-Nepomuceno e pela Secretaria de Estado de Cultura de Brasília, divulga a obra e a vida de Edvard Grieg, compositor norueguês, no ano do centenário de seu falecimento, bem como sua amizade com o compositor brasileiro Alberto Nepomuceno.

Bolsas Capes Reajuste de 20% a partir de março

A partir de março de 2008, os 30 mil bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC) terão reajuste de 20% no valor dos benefícios. As bolsas de mestrado no país passam de R\$ 940 para R\$ 1.130, e as de doutorado, de R\$ 1.394 para R\$ 1.620.

Com a medida, a agência irá aplicar no próximo ano cerca de R\$ 885 milhões no financiamento de bolsas no país e no exterior, e no custeio da pós-graduação.

O anúncio do reajuste ocorreu em 20 de novembro, durante o lançamento do Plano de Ação da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCT), que tem entre suas metas a formação de recursos humanos qualificados, ampliando o número de bolsas de mestrado, doutorado e extensão concedidas pela Capes e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Até 2010, deverão ser distribuídas 95 mil bolsas do CNPq e 60 mil da Capes.

O Plano também prevê a concessão de benefícios fiscais a empresas que apoiem projetos de pesquisa científica e tecnológica; a realização de ações voltadas para o desenvolvimento social, como a melhoria do ensino das ciências; a criação de centros e museus de ciência e tecnologia, e a oferta de conteúdos digitais multimídia para a educação científica.

Investimento em projetos de popularização da ciência

O CNPq e a Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social vão destinar R\$ 7 milhões para apoiar projetos de popularização da ciência e tecnologia das universidades, instituições de pesquisa, museus, centros de ciência, planetários, fundações, entidades científicas e outras instituições. A iniciativa contemplará atividades que tenham como propósito a difusão e popularização da ciência e tecnologia junto à sociedade brasileira. Pesquisadores, professores e especialistas vinculados a instituições e entidades que promovam atividades de popularização da ciência e tecnologia sem fins lucrativos poderão apresentar propostas até 22 de janeiro de 2008, por meio do Edital n° 42. As propostas devem ser apresentadas sob a forma de projeto e encaminhadas por meio do Formulário de Propostas Online disponível no endereço <http://efomento.cnpq.br/efomento>. A íntegra do edital pode ser acessada em www.cnpq.br/editais/ct/2007/042.htm

Professor-escritor Prêmio Jabuti

Em cerimônia realizada em São Paulo, dia 31 de outubro, o professor Artur Oscar Lopes, do Instituto de Matemática, recebeu premiação pelo segundo lugar na categoria Melhor Livro de Contos e Crônicas do Prêmio Jabuti 2007. O professor conquistou a distinção com o livro *A casa da minha vó e outros contos exóticos*.



Promoção de fim de ano

Até o dia 21 deste mês, a Livraria da UFRGS do Campus Centro está com uma série de descontos: saldos no balaio com preço único de R\$ 2; publicações de outras editoras a R\$ 5. Também serão oferecidos descontos de 35% sobre o preço de capa dos lançamentos e de 50% para os livros incluídos na superpromoção. Aproveite as promoções para comprar aquele livro que você namora há tempo. A Livraria do Campus Centro funciona de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h.



Transformações no mundo do trabalho

O ADVENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS de Informação e Comunicação promoveu verdadeiras revoluções não somente na organização das estruturas empregatícias, mas também nas relações interpessoais de trabalho. Que tipo de transformações vêm ocorrendo? Assumindo a mudança como premissa para a discussão, os professores Valmíria Piccinini, da Faculdade de Ciências Econômicas, e Fernando Cotanda, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, elaboraram uma análise desses novos tempos de transição no mercado e na vida dos trabalhadores.



Por que o trabalho está mudando?

Valmíria Piccinini*

Para responder a essa pergunta creio que seja importante pensar primeiro o que é “trabalho”.

No *Dicionário de Trabalho e Tecnologia* (UFRGS) encontramos: “O trabalho é atividade resultante do dispêndio de energias física e mental, direta ou indiretamente voltada à produção de bens (materiais ou imateriais), contribuindo, assim, para a reprodução da vida humana, individual e social”. (LIEDKE, 2006:319).

Na sociedade do século XX, muito próximo ao trabalho estava associada à noção de emprego, tanto concreto quanto abstrato, e aquele não desapareceu, mas se modificou (em parte). Mesmo que o percentual de pessoas formalmente empregadas predominasse apenas em alguns países com legislação social mais abrangente, e que relações informais de emprego existam há centenas de anos, no Estado de Bem Estar Social, o emprego formal predominava com todas as garantias a ele associadas: aposentadoria, férias, auxílio-desemprego, assistência à saúde, enfim, a segurança do emprego.

Se procurarmos as origens do trabalho, sobretudo no século XX, forçoso será reconhecer que de um trabalhador alheio ou sem noção do conteúdo da tarefa que executava, no século XXI, espera-se deste que pense e elabore sobre como vai trabalhar. Em tese, ele se transformou num trabalhador “que pensa” o seu trabalho.

Especialmente nos setores em que se desenvolveram rapidamente as novas tecnologias que revolucionaram as comunicações – como as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – esta dinâmica se faz presente com muita intensidade. Em termos de organização do trabalho, apesar de se manterem relações tayloristas-fordistas na produção em série, são incentivadas as atividades em grupos, os grupos de melhorias e a qualidade total dentro do modo “produção enxuta” disseminado pelo modelo japonês. Nas

Atualmente, ninguém deve esperar permancer no mesmo emprego por toda sua vida

organizações industriais e de serviços, a qualidade total é buscada com afinco e nenhuma organização deixa de participar se quiser se tornar competitiva, tanto em nível nacional como internacional.

Incentiva-se toda forma de comprometimento do funcionário, mas, também, exige-se que ele se responsabilize pela sua empregabilidade, pois, atualmente, supõe-se que “ninguém deve esperar permanecer no mesmo trabalho/emprego/função por toda sua vida”.

Ao que tudo indica, mudaram, acima de tudo, as formas pelas quais se dão as relações de trabalho, sobretudo, as tayloristas. De uma relação de emprego estável – apesar de ser indispensável reconhecer que este sempre foi privilégio de uma minoria, especialmente no Brasil – hoje, temos inúmeras formas “atípicas”: trabalho terceirizado, por tempo determinado, a

tempo parcial, sazonal, a domicílio, teletrabalho, “home working”, entre outros.

Nesta lógica coexistem várias relações de emprego e de trabalho, especialmente a categoria pessoa jurídica, que atinge tanto pessoal altamente qualificado e demandado quanto trabalhadores sem as mínimas condições de negociar esta relação de trabalho.

Na realidade, isso indica a intenção de parte do poder público e da maioria das empresas de que se retorne a uma relação de “livre negociação” entre trabalhadores e organizações.

Na medida em que se espera do trabalhador, independentemente de seu nível de qualificação, características como iniciativa, pró-atividade, comprometimento, e outras, contraditoriamente, os vínculos jurídicos são efêmeros e instáveis.

Esta é uma das mudanças, que encontra reflexos na insegurança, instabilidade e, muitas vezes, na precarização do trabalho. Neste sentido, ele está mudando, sim, mas especialmente no que se refere às relações de trabalho.

* Professora da Faculdade de Ciências Econômicas

O custo social da mudança

Fernando Cotanda*

No final dos anos 1960, o sociólogo alemão Norbert Elias, utilizando-se do conceito de “redução-processual”, alertou os cientistas sociais para o fato de que, por vezes, os substantivos de uso corrente reduzem a “condições estáticas” aquilo que está em permanente mudança. Não existe trabalho humano, no âmbito da modernidade, que não esteja mudando, ele está sempre em processo, estimulado e constringido por forças externas e internas. Mudança é um predicado que está intrinsecamente associado ao trabalho.

Existem, no entanto, períodos históricos nos quais o trabalho modifica-se com maior intensidade, alterando rápida e simultaneamente não apenas seus padrões técnicos e operatórios, mas também sociabilidades, subjetividades e a própria contratualidade social. A passagem da manufatura para a grande indústria no final do século XVIII, e o advento do fordismo e do taylorismo no início do século XX, são exemplos de momentos históricos nos quais as sociedades, e indissociavelmente os indivíduos que a edificam, experimentaram transformações radicais.

Nas últimas décadas, o trabalho ingressou novamente em um processo de mudanças muito intensas, com conseqüências sociais inéditas.

Os motivos que mobilizaram as empresas a

lançar mão de novas estratégias competitivas são diversos. De forma geral, estas razões podem ser buscadas em acontecimentos que principiam na década de 1970. A saturação e a mudança no comportamento dos mercados, a instabilidade financeira, o aumento da competitividade internacional, a queda nas taxas de produtividade e de lucratividade estão entre os inúmeros fatores.

As empresas passaram a buscar, através da adoção de inovações tecnológicas e organizacionais, formas mais flexíveis e integradas de produção e de gestão do trabalho. No âmbito destas estratégias, diminuíram suas estruturas hierárquicas e o contingente de trabalhadores, concentrando esforços na sua atividade fim. As atividades situadas fora do seu foco principal foram externalizadas, implicando na ampliação das cadeias produtivas, algumas delas de dimensão global. Estas cadeias, não raras vezes, incluem a utilização do trabalho formal numa ponta e do informal noutra, simultaneamente.

Os contratos de trabalho tornaram-se mais fle-

Segundo a OIT, existem 192 milhões de pessoas desempregadas em todo o mundo

xíveis, podendo existir dentro de uma mesma empresa diversos tipos de vínculos, o mesmo ocorrendo com a jornada de trabalho e com a remuneração. A regulação institucional e legal das relações entre capital e trabalho também muda. O rol de mudanças no trabalho vai além do que expomos aqui e ainda está em processo.

Todos estes novos arranjos não ocorrem sem conseqüências sociais, algumas delas preocupantes. O agravamento do desemprego, nas últimas décadas, é a conseqüência social mais visível, mas não é exclusiva. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), no ano de 2005, o desemprego alcançou o ponto mais alto da história. Existem cerca de 2 bilhões e 800 milhões de trabalhadores no mundo e quase 192 milhões de pessoas estão desempregadas, metade destes, jovens entre 15 e 24 anos.

Outras conseqüências sociais menos visíveis, mas não menos preocupantes, estão relacionadas ao aumento do ritmo de trabalho, às novas doenças ocupacionais, à intensificação da migração laboral, ao enfraquecimento das entida-

des que representam os interesses coletivos dos trabalhadores. Além destas, merece atenção a queda na renda dos trabalhadores e a precarização do trabalho. Ainda que estejam empregados, cerca de 1 bilhão e 400 milhões de trabalhadores no mundo não recebem mais do que dois dólares diários. Deste contingente, 535 milhões situam-se na pobreza extrema e não superam a linha de 1 dólar diário. E esta é uma situação que, ao contrário do que se imagina, vem se agravando nas últimas décadas.

As transformações no mundo do trabalho e suas conseqüências, renovam preocupações recorrentes em todo o curso da modernidade ocidental. A despeito da crescente presença da tecnologia, tão valorizada em nossa cultura, todos nós seguimos – com responsabilidade social e política diferenciada, é claro – reproduzindo cotidianamente no trabalho um caminho com baixa previsibilidade e, por vezes, carente de sentido. Paradoxalmente, não haverá saída fora do trabalho e da reflexividade individual e institucional. Portanto, ampliar as responsabilidades e a participação não instrumental na tomada de decisões sobre os rumos do trabalho tornou-se decisivo. Afinal, que trabalho queremos?

* Professor do Departamento de Sociologia do IFCH

Rádios universitárias argentinas disputam audiência

Comunicação

Omar Turconi, diretor da mais antiga rádio universitária do mundo, diz que a atuação em blocos é fundamental para buscar recursos junto aos órgãos de Estado

Jacira Cabral da Silveira

Durante as comemorações dos 50 anos da Rádio da Universidade (1.080 kHz AM), o diretor da Rádio Universidade Nacional de La Plata, Omar Turconi, veio a Porto Alegre para participar do *Encontro de Rádios e TVs Universitárias Federais do Brasil*, realizado de 16 a 18 de novembro na Sala II do Salão de Atos da UFRGS. O jornalista e professor, que preside a Associação de Rádios Universitárias Nacionais Argentinas (Aruna), concedeu esta entrevista exclusiva ao *Jornal da Universidade*, falando da primeira rádio universitária do mundo, criada há 83 anos. Para ele, a Rádio é como o ar que atravessa as portas da Universidade para produzir sentido e circular no conjunto da sociedade.

Jornal da Universidade – A Argentina tem 35 emissoras públicas de rádio, três AM e 32 FM, sendo que as cidades de Córdoba, Santa Fé e La Plata são as únicas que possuem ambas as modalidades. Qual a importância da Aruna, que há dez anos congrega todas essas emissoras?

Omar Turconi – A Associação nos permite trabalhar em bloco para reivindicarmos a geração de recursos junto aos organismos do Estado. Somos mais fortes, quando vamos todos juntos. Outro aspecto essencial de associar-nos é o intercâmbio de conteúdos e o uso de correspondentes. Como já temos dez anos de existência, são muitos os pontos positivos. Durante o *Encontro de Rádios e TVs Universitárias Federais*, os brasileiros demonstraram interesse pela idéia de realizarem algo nesse sentido. Mas, primeiramente, preferem se organizar através de um Fórum. Acho que é uma iniciativa positiva, pois sempre que se trabalha em união os resultados são melhores para todos. O importante é não deixar de respeitar a identidade de cada região e de cada universidade. Na Argentina também vivemos isso, existem rádios que são menores comparadas à minha, mas trabalhamos juntos para resolver problemas comuns: falta de recursos, de equipamentos e também de funcionários.

JU – Um dos objetivos de sua visita ao Brasil foi difundir a idéia de formação de uma Rede Latino-americana das Rádios Universitárias?

OT – Estive no Uruguai, onde já trabalhamos com algumas emissoras. Também visitei a Colômbia e o Chile. Penso em organizar uma rede de



“Mercosul permitiu troca de mercadorias, mas não o intercâmbio humano e artístico”

rádios universitárias latino-americanas ou, primeiramente, do Mercosul. Os comentários são positivos nas jornadas em que tenho participado nos diferentes países, e também por parte dos diretores das emissoras. É provável que, em 2008, realizemos uma reunião em La Plata para tratar do assunto. Mas o que acredito ser fundamental na criação da rede é o fato de vivermos realidades bem similares. Somos rádios públicas em que há falta de recursos e não recebemos o reconhecimento devido por parte dos governos. Unidas, seríamos mais fortes. Sempre falo que o Mercosul permitiu basicamente o intercâmbio de mercadorias, mas não a transferência e o intercâmbio humano e artístico. Quando retornar ao Uruguai, irei à sede do Mercosul, em Montevidéu, porque acho que é o local apropriado para projetarmos o nascimento da rede.

JU – Qual o papel das rádios universitárias?

OT – Elas representam a liberdade de expressão na Argentina. Não existem interesses como nas rádios comerciais, respeita-se o pluralismo das idéias. E, fundamentalmente, são difundidos os valores da universidade, as tarefas de extensão, de pesquisa e docência. A rádio universitária é uma alternativa clara em contraposição aos meios comerciais, às multimídias e aos grupos econômicos que manejam os meios de comunicação em toda a América. Reconheço que é uma tarefa difícil, mas se trabalharmos juntos teremos sucesso. Na Argentina, o governo já nos olha de forma diferente em função do que estamos conseguindo produzir por estarmos associados, e a consequência é a inclusão em sua pauta de verbas de publicidade para nossas emissoras.

JU – Durante o *Encontro de Rádios e TVs Universitárias Federais*, foi comentada a importância das emissoras desenvolverem mais seus portais na Internet como forma de garantir sua sobrevivência no mercado. Como o senhor avalia esta questão?

OT – Atualmente, os portais são fundamentais para que os jovens, e os nem tão jovens, possam conhecer

e escutar as rádios. Parece-me que, aos poucos, as rádios universitárias reconhecem esta importância e trabalharão mais intensamente com a Internet e os portais. É verdade que a maioria das emissoras universitárias está desatualizada, por isso é importante o apoio dos governos para que nossas rádios possam renovar-se constantemente, adquirindo novos equipamentos para competir com mais dignidade, ainda que a legislação argentina permita a veiculação de publicidade.

JU – As rádios AM e FM da Universidade de La Plata estão bem pontuadas no *ranking* das rádios argentinas, a que se deve este sucesso?

OT – Não temos a penetração, nem a potência das rádios comerciais, mas estamos instalados em muitos lugares e nosso perfil é mais cultural e educativo. Em La Plata, nossa AM está no terceiro ou quarto lugar e a FM está melhor, em segundo. Com as rádios de Santa Fé e de Córdoba acontece o mesmo, ainda que esta última seja quase uma emissora privada por causa das terceirizações. As demais emissoras universitárias da Argentina estão em quinto ou sétimo lugar e só não estão mais bem colocadas, porque é difícil competir economicamente com as privadas, elas têm muita publicidade e são maiores.

JU – Qual o perfil das rádios da Universidade de La Plata?

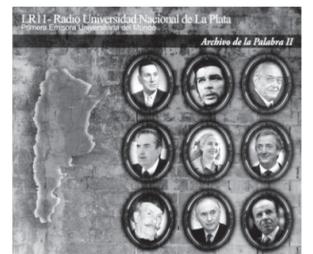
OT – Há oito ou dez anos, a FM de La Plata tem uma identidade muito específica. É o resultado de um objetivo claro: queremos atingir o público jovem. Por isso, toda a programação é voltada para este segmento, desde a seleção musical à linguagem, ao conteúdo e o estilo. Localmente, a concorrência não é grande, porque as demais FM são de pequeno porte. Nossas concorrentes são as rádios de Buenos Aires que chegam à La Plata, mas como sua programação musical é muito comercial, não têm tanta repercussão entre os estudantes, que preferem nosso estilo. Porém, a concorrência da AM com as demais emissoras é mais difícil, pois nossa programação é bastante distinta por conta dos programas específicos. Há o momento das

coletividades italiana, espanhola e basca. Temos também um espaço muito importante em nossa programação destinado aos direitos humanos. Nossa Universidade foi a que teve maior quantidade de mortos e desaparecidos durante a ditadura militar, por isso, movimentos como “As madres y abuelas de Plaza de Mayo” têm programas em nossa emissora.

JU – Como é a disciplina de rádio na Universidade de La Plata?

OT – A licenciatura em Jornalismo em nossa Universidade dura quatro anos, e as disciplinas de rádio são desenvolvidas em três níveis, cada um com duração de um ano. Eu sou professor titular da disciplina de Rádio III, oferecida no último ano. Temos dois estúdios para trabalhar com os alunos. Mas há um detalhe que julgo relevante e que nos diferencia das universidades brasileiras: sabem quantos alunos entram por ano no curso de jornalismo? São 800. É uma realidade complexa, mas é assim. Embora ocorram desistências, graduam-se cerca de 40% a 50% desse total. Essa grande demanda faz com que nos caracterizemos por privilegiar trabalhos práticos. Isso possibilita que os alunos cheguem ao mercado com uma experiência em rádio. Na época em que estudei, não tive tanta oportunidade de trabalho antes de me formar. Graduei-me e fui trabalhar sem conhecer muita coisa. Havia muita teoria e pouca prática. A partir do nível II, todos os alunos trabalham em aula com o professor, mas também em uma das rádios conveniadas à nossa Universidade, geralmente FMs. Na minha disciplina, paralelamente aos trabalhos de aula, os alunos precisam desenvolver um programa do tipo revista, sem abordar esportes nem música, pois estes setores já são vistos em outros momentos. Devido à quantidade de estudantes, diversificamos as possibilidades de prática para que todos possam ter chance de trabalhar. Os programas que eles produzem vão ao ar em dias específicos, e as famílias aproveitam para mandar recados aos filhos. A maioria de nossos alunos vem de outras cidades e, para muitos familiares, a rádio é o único meio de contato.

Série resgata vozes de personagens



A Rádio Universidade Nacional de La Plata (AM 1.390 – FM 107.5) além de contribuir para a divulgação dos grupos e bandas locais, principalmente a FM, também trabalha para o registro da história argentina e mundial. Em 2006, a emissora lançou o CD *Archivo de la Palabra II*, material sonoro que recupera as vozes de homens e mulheres que marcaram a vida democrática do último século. Entre eles: Che Guevara, Juan Domingo Perón, Eva Duarte de Perón e Héctor Cámpora.

O primeiro CD da série registrou as vozes de 18 artistas e pensadores como Salvador Dalí, Jorge Luis Borges, Albert Einstein e Pablo Picasso. Ambos os trabalhos receberam o Prêmio Martín Fierro, promovido pela Associação de Jornalistas de Rádio e Televisão (APTRA). A Rádio também edita CDs de música, destinados ao público jovem, ouvinte da FM.

Outra atividade que a emissora desenvolve junto à comunidade é o projeto *Férias no Ar*. Segundo o professor Omar Turconi, diretor da emissora, este é um projeto de extensão destinado a crianças da região que, durante as férias, produzem e apresentam programas ao vivo. Participam da iniciativa aproximadamente 20 crianças entre 9 e 12 anos de idade, que trabalham com professores universitários nos estúdios comumente usados pelos alunos de jornalismo. A Rádio pode ser ouvida pelo site www.lr11.com.ar.



Um recomeço para a Casa de Sarmiento



Edificação que abrigou a Faculdade de Medicina passa por reparos da fachada principal e esquadrias

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

História Com obras de restauração em andamento, prédio vislumbra um novo futuro

Quem passa em frente ao prédio da antiga Faculdade de Medicina da UFRGS, hoje Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS), na esquina da rua Engenheiro Luiz Englert com a avenida Sarmiento Leite, percebe que algo mudou no local. As grades que agora cercam o prédio histórico alteraram a visão de quem transita por ali. Segundo o arquiteto Edson Alice, da Secretaria do Patrimônio Histórico (SPH), o fechamento em gradil metálico não é definitivo e foi feito somente para a proteção do trabalho de restauração. “Este gradil dará suporte para a divulgação da obra, de parceiros, recursos etc.”, afirma.

O terreno onde foi contruído o prédio foi doado em 1911 pelo presidente do estado, Carlos Barbosa, e pelo intendente municipal, José Montauray. O projeto inicial, apresentado pelo arquiteto Attilio Trebbi, consistia em uma réplica do Palácio da Justiça de Budapeste. No ano seguinte, houve mudança na direção da faculdade e uma nova comissão de obras entendeu que aquela réplica não se adaptava às necessidades da instituição. Em razão disso, foi solicitado à Trebbi e aos arquitetos Lottatti-Padoa, de Buenos Aires, um novo desenho. Em 1913, o projeto final, orçado em 870 contos de réis, foi definido, mas o contrato seria novamente suspenso.

As dificuldades para a conclusão da planta e posterior início da execução das obras fizeram com que a comissão aceitasse uma proposta apre-

sentada pela firma do engenheiro porto-alegrense Rudolf Ahrons. O trabalho ficou a cargo do arquiteto alemão radicado em Porto Alegre, Theodor Wiederspahn.

Os desenhos foram finalizados em março e o contrato assinado em maio de 1913. Em 1914, surgiram dificuldades financeiras, e a falta do repasse de verba por parte do governo estadual ocasionou a paralisação das obras.

Dedicação – O ano seguinte é de profunda crise financeira. Em 1915, Sarmiento Leite é indicado como diretor da faculdade. É aí que sua figura marcante se destaca, ao não abandonar a idéia de construir uma sede própria para a instituição. “Vou ao Borges pedir, vou pedir, não é vergonha, nem é feio, pois não pedirei para mim, mas para a grandeza do Brasil e do Rio Grande, vou pedir para a Faculdade. Depois, como castigo, o Borges virá inaugurar aquela que ele tanto combateu!”, teria dito Sarmiento na época, referindo-se ao então presidente do estado, Borges de Medeiros.

Com a persistência da crise econômica causada pela Primeira Guerra Mundial, medidas foram tomadas para possibilitar o andamento das obras, entre elas a modificação da proposta original. Enquanto isso, o governo reavaliou a questão, e em fins de 1917, Borges de Medeiros decide garantir um empréstimo à faculdade. Em 1918, o engenheiro João Baptista Pianca apresenta o projeto de revisão. Em maio do ano seguinte, um novo edital de concorrência foi publicado e vencido por Augusto Sartori, sendo as obras reiniciadas. Como previsto por Sarmiento, em 31 de março de 1924, Borges de Medeiros comparece ao Salão Nobre para a inauguração do prédio. Por sua dedicação, a obra ficou conhecida como Casa de Sarmiento.

Em razão da necessidade de gastos menores, a concepção inicial passou por várias alterações, sendo eliminadas as cúpulas de cobre e a es-

tatuária prevista para a platibanda. O prédio, que possui as características do período neoclássico do início do século XX, rompeu com as formas retas e ortogonais até então construídas na região.

Protegendo a História – Toda a interferência no espaço físico do Campus Centro tem de passar pelo aval da Secretaria do Patrimônio Histórico. “É preciso respeitar as normas, porque o prédio antigo não está isolado, e há todo um entorno a ser considerado”, explica o secretário Christoph Bernasiuk. Segundo dados da SPH, foram arrecadados R\$ 13.237.111,53 para a restauração dos prédios antigos da Universidade. Desse montante, foi executado/gasto até agora R\$ 7.458.129,88. Para o professor Christoph, é fundamental que haja transparência durante esse processo. “Tudo que sobra do orçamento para cada uma das restaurações, mesmo centavos, é devolvido ao poder público”, enfatiza.

O prédio, que recebeu três ampliações, em 1937, 1952 e 1955, conta atualmente com 9.285 metros de área construída. Conforme o arquiteto Luiz Francisco Perrone, diretor de obras da SPH, o trabalho que está sendo feito (Salão Nobre, trecho curvo da fachada principal e recuperação de algumas esquadrias) é o que cabia no recurso disponível, e foi pensado para mostrar como o prédio pode ficar se mais doadores contribuírem. Quanto ao prazo de término, Perrone afirma que não existe previsão para o restauro completo. “Esta etapa que está sendo feita deveria ficar pronta até o fim do ano, mas atrasou devido ao mau tempo. Quanto à obra total, não existe previsão, uma vez que não há recursos”, enfatiza.

Após terminadas as restaurações, o prédio sediará o Instituto de Artes da UFRGS e a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.

Juliano Tatsch, estudante do 8º semestre de Jornalismo da Fabico

Moacyr Scliar Construção impressionante remete à grandiosidade da profissão

“Quando comecei a estudar Medicina, a faculdade funcionava no vetusto prédio da rua Sarmiento Leite, cujo nome homenageava, aliás, o fundador da escola. Era uma construção imponente que eu conhecia desde criança e na qual se entrava por uma escadaria de granito, levando a altas portas ladeadas por colunas de estilo clássico. Chegava-se ao amplo saguão, com quadros de formatura. Nestes figuravam, além do paraninfo, do homenageado especial, dos homenageados em geral, os formandos, em retratos posados, com o tradicional chapéu e a toga.

Do saguão, entrava-se para o Salão Nobre. Ali, em cadeiras de espaldar alto forradas de veludo vermelho e diante da imponente mesa de jacarandá trabalhado, reservada aos professores e vultos da medicina gaúcha, os jovens viviam grandes momentos de sua vida: o exame vestibular; a aula inaugural; a formatura.

Diziam que a Faculdade tinha sido construída originalmente para ser um teatro. Não sei se é verdade, mas o fato é que o prédio era impressionante, sobretudo para nós, jovens alunos. Falava-nos, aquela construção, da grandiosidade da profissão, de sua longa tradição, de sua importância como experiência humana. E a verdade é que aprendemos muito ali.”

Conhecendo a UFRGS

O programa com a cara da Universidade

Por Fernando Favaretto



UFRGS TV

Conhecer uma instituição de ensino como a UFRGS não é uma tarefa fácil, principalmente diante da diversidade de estudantes, professores e funcionários que por ela circulam e com suas contribuições a tornam uma das melhores universidades do país. No entanto, o programa *Conhecendo a UFRGS* assumiu esse desafio e, há dois anos, vem buscando apresentar, não apenas para o público acadêmico como para a comunidade em geral, as muitas faces e interfaces da universidade.

Um dos primeiros programas a entrar na grade de programação da UFRGS TV, o *Conhecendo* se consolidou como um espaço de compartilhamento da produção científica, social e cultural da nossa instituição de ensino, através do qual é possível dar visibilidade às inúmeras pesquisas, atividades de extensão, núcleos de produção, laboratórios e projetos diversos.

Desde os grandes assuntos debatidos pela sociedade, passando tanto pelos temas mais polêmicos quanto pelos aparentemente banais, a Universidade provoca e acompanha discussões, muitas das quais se ampliam por intermédio do *Conhecendo a UFRGS*.

Produzido basicamente por estudantes de Comunicação Social, em consonância com a proposta da UFRGS TV de servir como oportunidade de aprendizado profissional, o programa tem como preocupação mostrar as diversas instâncias e os incontáveis sujeitos que fazem da Universidade um particular espaço de convívio e de aprendizado.

Ao longo do ano de 2007, dezenas de programas acerca das diversas áreas do conhecimento foram levados ao ar e um grande número de professores, estudantes e técnicos puderam mostrar os resultados e desafios de seus trabalhos, além de manifestar suas idéias e opiniões, discutindo assuntos de relevância para toda a sociedade.

Comprometida com seu caráter de televisão universitária, a UFRGS TV procura permitir aos estudantes o contato com saberes e experiências, assim como busca, nos saberes e experiências dos inúmeros membros da comunidade acadêmica, material para uma programação diversificada, consistente e enriquecedora.

Em função da programação de final de ano, no período de 21 de dezembro de 2007 até 4 de janeiro de 2008, o *Conhecendo a UFRGS* deixará de ser apresentado para dar lugar a especiais musicais (ver Agenda na página 14). A partir de 8 de janeiro, sempre nas terças e quintas-feiras às 21h30min, serão reprisados os programas veiculados ao longo deste ano, que você pode acompanhar pela UNITV, canal 15 da NET.



Equipe do programa durante evento com Caco Barcellos

FEIPE NEWS

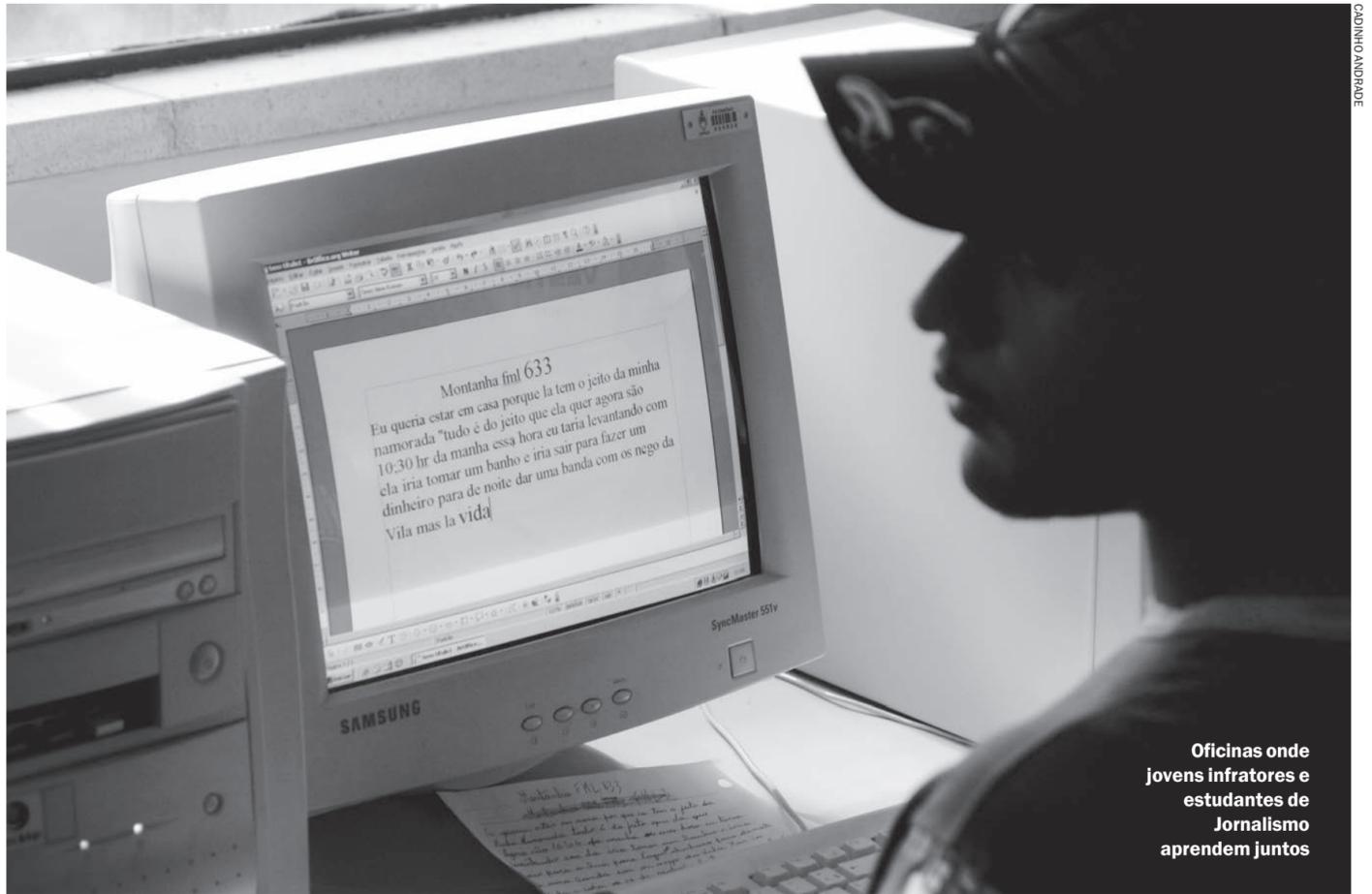
Aproximação com a comunidade

Ação educativa
Universidade
recebe adolescentes
infratores e
trabalha por sua
ressocialização

Nas terças e quintas-feiras pela manhã, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Fabico) compartilha salas de aula, biblioteca, estúdios de TV com dezenas de jovens internos da Fundação de Assistência Socioeducativa (Fase), que estão ali para participar das oficinas organizadas e realizadas pelos alunos de Jornalismo em final de curso. As atividades fazem parte da disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo III (Comunidade), coordenada pela professora Ilza Girardi, em que os estudantes realizam ações destinadas à comunidade. Os alunos da disciplina criam projetos, que são enviados para que a instituição faça a escolha de quantos e de quais jovens irão participar das oficinas. Depois de selecionados, os grupos são divididos e o trabalho começa, se estendendo por todo o semestre letivo.

Desde que as atividades tiveram início, no primeiro semestre de 2003, já foram realizadas oficinas de rádio, de televisão, de literatura, de fotografia, de informática, de teatro, entre outras. No primeiro semestre deste ano, 35 jovens participaram. Nas oficinas de rádio, eles tiveram um primeiro contato com técnicas para a elaboração de roteiros radiofônicos e aprenderam sobre o funcionamento dos programas, trabalho que resultou em um documentário e uma radionovela produzidos pelos internos com o auxílio dos estudantes, que foram ao ar pela Rádio da Universidade. Nas atividades relacionadas à informática, os jovens produziram um *blog* e puderam navegar na rede mundial de computadores. Já em vídeo, realizaram um curta-metragem e aprenderam noções de produção. Até o final deste ano, serão realizadas oficinas de textos e criação literária, rádio e teatro.

Aprendizado para todos – Para F., um dos adolescentes mais desinibidos da turma, as oficinas são proveitosas em diversos aspectos. “Além de nos ensinar coisas que nunca teria-



Oficinas onde jovens infratores e estudantes de Jornalismo aprendem juntos

mos a oportunidade de aprender, as aulas nos tiram daquele ambiente da Fase, onde passamos muito tempo sem fazer nada”, afirma. Aos 17 anos, F. está participando da oficina de leitura e escrita criativa e acredita que o aprendizado obtido durante os encontros com os estudantes da Fabico lhe será útil no futuro. “As aulas têm sido bem legais. Aprendemos que existem vários modos de se escrever e que não existe certo ou errado em literatura. Gosto de ler e escrever e o que vejo nas aulas me ajuda, na escola e quando escrevo textos pessoais. Pretendo seguir estudando e, quem sabe um dia, dar essas aulas para outros adolescentes”, enfatiza.

Já para R., 16 anos, o melhor das oficinas é o modo como eles são tratados por todos. “Eu me surpreendi com o jeito como o pessoal aqui da Fabico nos recebe. Eles nos tratam como iguais. As diferenças do modo de vida são grandes, mas na sala de aula elas desaparecem. O ensino não é forçado e eles não têm um ar de superioridade. Gostei de tudo até agora”, diz o jovem que participa de uma

das oficinas de criação literária.

O trabalho realizado com os adolescentes também traz resultados positivos para os estudantes da UFRGS. Para Igor Natusch, formando em Jornalismo, a importância está em poder interagir com a comunidade. “De certa maneira, posso dizer que até então a faculdade não havia proporcionado uma possibilidade real de interação com a comunidade. Ter a oportunidade de conviver com jovens infratores e conhecer, mesmo que superficialmente, aspectos de suas vidas é de grande valor.” Sobre as dificuldades para a realização das atividades, Igor, que ministrou uma oficina de vídeo no semestre passado, salienta que elas não foram empecilho. “A maior parte dos problemas foi ocasionada pela grande diferença entre os dois mundos, o nosso e o deles. Para conseguirmos nos entender de verdade, foi preciso fazer concessões de ambos os lados. Mas, para ser honesto, não foi tão difícil. Foi legal constatar que os menores infratores não são os monstros que muitas vezes retratam por aí, e sim

gente comum que poderia seguir outro caminho, se tivesse chance”, afirma. Para Igor, a atividade promoveu uma troca de aprendizados. “Foi uma experiência rica para todos. Creio que para os jovens infratores, foi a oportunidade de tomarem contato com outra realidade. Muito mais do que aprender, a oficina mostrou que eles podem tentar criar coisas, buscar outras opções para as próprias vidas. Da nossa parte, acho que descobrimos que existe muita gente vivendo realidades que mal conseguimos imaginar, que dirá compreender.” Igor destaca que o trabalho com os adolescentes também trouxe lições a respeito da função do jornalista. “As oficinas serviram para nos dar uma lição de humildade, mostrando que devemos ouvir e respeitar os diferentes antes de julgá-los. É nosso dever como jornalistas dar voz a pessoas que muitas vezes ignoramos e que no fundo são as que mais precisam do nosso trabalho”.

Juliano Tatsch, estudante do 8º semestre de Jornalismo da Fabico

“MEU NOME É C.. O lugar em que eu moro, a favela, é sinistro. Quase todo o dia morre alguém. Quase sempre por pouca coisa. Na sexta-feira, um amigo meu morreu por dever R\$ 10 para um traficante. Esse traficante era amigo nosso e se o “patrão” falou para matar, está falado. Eu sei como é estar nessa vida. Eu entrei já sabendo que são dois caminhos: a morte ou a prisão.”

17 anos

Dez anos auxiliando a recuperação de adolescentes e jovens

Desde 1997, a UFRGS, através do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social, da Faculdade de Educação (Faced), mantém o Programa de Prestação de Serviços à Comunidade (PPSC). A iniciativa é fruto de um convênio inicialmente firmado entre a Universidade e a 3ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude e, atualmente, com o Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (Pemse). Vinculado à Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), da Prefeitura de Porto Alegre, o Pemse responde pela execução de medidas socioeducativas em meio aberto na capital gaúcha.

O PPSC já atendeu mais de mil adolescentes e jovens adultos e tem por objetivo acolher autores de atos infracionais para o cumprimento da medida dentro da Universidade. O

programa, coordenado pela professora Carmen Craidy, da Faced, busca também oportunizar que os adolescentes vivenciem experiências de trabalho e de relações humanas, auxiliando-os na superação dos problemas que os levaram à prática das infrações, desenvolvendo pesquisas que abordem os conflitos vividos por esses jovens e gerando na Universidade um novo olhar sobre a problemática do adolescente infrator.

Ao chegarem à UFRGS para cumprir a pena, que pode durar de um a seis meses, eles passam por uma entrevista. A seguir, são encaminhados aos setores conveniados ao programa. Esse encaminhamento leva em conta o perfil do adolescente, bem como o funcionamento e as especificidades do local onde será cumprida a pena. No setor, ele será supervisionado pelo educador

voluntário, funcionário que se dispõe a acompanhar o cumprimento da medida socioeducativa, orientando e gerenciando atividades, frequência e desempenho.

Além do espaço para o cumprimento da pena, o programa oferece oficinas semanais, durante as quais são realizadas atividades educativas, exibição de filmes seguidos de debates, oficinas de hip-hop e passeios culturais.

Conforme a psicóloga Milene Mabilde Petracco, uma das profissionais que coordena a parte executiva do PPSC, trabalhos como esse proporcionam acolhimento a sujeitos considerados socialmente invisíveis. Segundo ela, os adolescentes que já concluíram o cumprimento da medida, convidam parentes ou amigos para as atividades. De acordo com a psicóloga, os

meninos, em sua grande maioria, vêm de famílias humildes. “Há o predomínio de adolescentes da raça branca. Embora, em relação ao número de negros da população, estes sejam mais numerosos. Eles apresentam baixa escolaridade e cometeram infrações contra o patrimônio, furto, porte, uso ou tráfico de drogas, lesões corporais, dirigir sem habilitação, dano, porte ilegal de arma, entre outros”, explica.

Para Milene, os resultados práticos do programa são facilmente constatados. “A partir de pesquisa realizada em 2003, foi possível verificar que a experiência do cumprimento da PSC a partir de princípios pedagógicos é significativa por dar referências positivas aos adolescentes ao oferecer um espaço organizado e uma relação de reconhecimento destes enquanto sujeitos”, conclui.



Milene diz que programa traz referências positivas

Especial

O nervosismo é geral. Sai ano, entra ano, esse clima não muda entre os estudantes na hora da colação de grau. Em compensação, as cerimônias já não são mais as mesmas. De acordo com Vladimir Ferreira dos Santos, assistente administrativo do Salão de Atos da UFRGS que há 15 anos acompanha as formaturas de início e meio de ano, é preciso fazer com que as produtoras contratadas para organizar o evento respeitem a estrutura básica desse ritual acadêmico. “Por elas, a formatura se transforma num megaevento!”, ironiza.

Essa situação tem gerado críticas e elogios. Vladimir recorda o desconforto que resultou das cinco horas e meia de uma das formaturas do curso de Medicina. O pessoal levantava, saía para o saguão, mas ninguém arredava o pé.

Para Mariana Formoso Ghiggi, que em janeiro de 2008 se formará em Direito na UFRGS, não importa o tempo, pois toda essa produção servirá de registro da história da turma. Desde o início do ano, todos os churrascos ou festas foram filmados e devidamente fotografados pela produtora: “É importante para tudo ficar na memória”.

Dure o tempo que durar, o certo é que, de dezembro deste ano a março de 2008, serão 1.723 formandos vestindo suas togas e comemorando com seus familiares e amigos uma etapa que inicia a vida profissional. Momento que o coordenador do Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE), o psicólogo Marco Antônio Teixeira define como: “Ritual que contribui para consolidar a identidade do jovem adulto, que precisa transitar do papel de estudante para o de trabalhador, e ainda lidar com o ‘luto’ pela diminuição do contato com os amigos e da perda da proteção oferecida pelo ambiente universitário”.

Escolhas – Mariana tem certeza de que fez a escolha certa, ser advogada. E, no próximo dia 24 de janeiro, pretende comemorar sua graduação junto aos 78 colegas do curso noturno de Direito da UFRGS. Embora não considere que a formatura seja um momento único, a reconhece como um marco: “É a celebração de cinco anos de convivência, do fim de uma etapa.” Quanto ao fato de ter que encarar o mercado de trabalho assim que se formar, ela confessa que está em crise. “Sei que, no dia seguinte à formatura, não serei mais uma estudante, mas uma desempregada”.

Esta situação, porém, não chega a desanimá-la, pois quando tiver o canudo na mão poderá sustentar suas próprias idéias e chegar às suas conclusões na hora de defender seus clientes da área cível. Por outro lado, a estudante tem consciência de que a formatura não significa a conclusão de seu aprendizado: “Saímos daqui cientes de que sabemos pouco, pois o Direito é muito dinâmico, exige estudo permanente”. Representante da turma por várias vezes ao longo do curso e promotora das festas e churrascos, ela criou muitos laços com os colegas. Por isso, arrisca-se a um diagnóstico: os estudantes da UFRGS têm preferência por carreiras públicas e pela docência. O único problema, segundo ela, “é o salário de professor!”.

Emanuele Gauer também se formará no início de 2008, no dia 23

de fevereiro, às 13h. Ela e o noivo João Rodrigo Mattos são formandos do curso de Engenharia Civil, da Escola de Engenharia da UFRGS, e já estão inscritos para concorrer ao mestrado, e, pela previsão de Emanuele, no dia da formatura a comemoração será dupla, só restará saber se receberão bolsa ou não. João mora com os pais e ela divide apartamento com uma amiga, ainda que tenha quase certeza do futuro financiamento para seus estudos, não descarta a mesada dos pais. Até porque, na opinião da jovem, é indispensável continuar se qualificando para ter mais perspectivas no exercício de uma função especializada.

Preparativos caros – Desde dezembro de 2006, Mariana Ghiggi coordena a comissão de formatura de sua turma. Mas ainda que tenha iniciado os preparativos com antecedência, optou por cancelar o estágio num escritório de advocacia para poder dar conta da agenda da cerimônia de colação de grau e também para dedicar-se ao trabalho de conclusão de curso. Neste sentido, ela critica o número de disciplinas do último ano, quando é preciso elaborar e redigir o trabalho de conclusão de curso.

A formanda de Direito gosta de promover festas e já previa dificuldades para contentar mais de 70 pessoas. Só não imaginava que seriam tantas. O primeiro problema foi saber quem se formaria. Transferências de turno e disciplinas pendentes são comuns, afinal as turmas não são fixas e existem aqueles que preferem se formar em gabinete, dispensando os preparativos e rapapés. No caso da turma de Mariana, o custo chegará à quantia de mil reais por aluno. No orçamento estão incluídos os gastos com as duas produtoras, uma para a cerimônia, outra para o baile (cujos pagamentos da banda e do DJ são a parte) e com os convites que podem variar de R\$ 6 a R\$ 9 por unidade.

Além dos 79 formandos que participarão da cerimônia no dia 24 de janeiro, outros sete escolheram a formatura de gabinete. Mariana não considera que os gastos possam representar motivo de desistência desta comemoração. Para ela, esta não é uma festa qualquer e se as pessoas estão acostumadas a pagar R\$ 500 por um tênis, por que não iriam gastar com a sua formatura? Mas quando lembra do valor total, comenta: “É muita grana, é o preço de um apartamento!”.

Emanuele Gauer também é a coordenadora de formatura de sua turma, mas começou a agilizar os preparativos no início de setembro deste ano. Serão 66 formandos, e cada um pagará pela cerimônia R\$ 260, valor que muitos parcelaram. Os 47 que participarão do baile somarão à sua despesa mais R\$ 400. Mas nestes cálculos não está o custo dos convites (de R\$ 5 a R\$ 8), nem o da banda, para aqueles que estarão no baile. Para a quase engenheira, o investimento vale a pena. Principalmente em comparação aos valores cobrados em sua terra natal, Concórdia, Santa Catarina. “Não sei o que tanto a mais as produtoras catarinenses fazem para cobrar quase mil reais por cabeça!”. Ela comenta que sua família faz questão da cerimônia, pois representa um marco que divide a graduação da vida profissional.

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



Ufa! Chegou a hora da formatura

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

Comportamento *Fim ou começo? Cerimônia de produção? Nos últimos anos, a colação de grau tem assumido novas formas, mas será que o sentimento dos formandos ainda é o mesmo?*

Mariana Formoso Ghiggi (*esq.*) e Emanuele Gauer (*dir.*) estão envolvidas na organização das formaturas de suas turmas



Redefinição da identidade da Universidade transformou formaturas em festa



Formatura

nia ou grau? e o no?

Do smoking à toga alugada

O Brasil dos últimos 50 anos viveu mudanças sociais, políticas e institucionais com impacto em diferentes setores. A universidade não está fora desta turbulência e os reflexos podem ser percebidos em seu dia-a-dia institucional. O sociólogo e professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Renato Oliveira, caracterizou três períodos, destacando o que, para muitos ainda é um ritual de passagem.

Década de 50

Este foi o período de consolidação da universidade brasileira. Com uma estrutura conservadora e elitizada, o ensino superior representava a expectativa de ascensão da classe média urbana, que ostentava este privilégio.

Quando Venerando Vargas da Silveira formou-se em Engenharia Civil na UFRGS, em 1954, o sentimento era um misto de realização por ter atingido sua meta, e alívio, pois aos 25 anos já trabalhava e estava casado. “Naquela época, quem tinha um diploma podia esnobar, porque havia mais postos de trabalho do que pessoal especializado”, analisa o engenheiro aposentado.

As formaturas eram realizadas no Theatro São Pedro. Os homens de smoking, as mulheres de vestido longo. Venerando não lembra o valor que investiu na cerimônia de colação de grau, mas acredita que, “hoje o pessoal pode menos e paga mais para custear a formatura”. Os convites eram simples e os gastos limitavam-se à fotografia individual a ser anexada ao quadro dos formandos.

Década de 70

O país vivia o ‘milagre econômico’ e os duros anos da ditadura militar, em que a universidade sofreu grande expansão e a classe média chegava ao ensino superior com objetivos mais profissionais e pragmáticos. Segundo Oliveira, a estrutura institucional encontrava-se burocratizada e o momento da formatura mantinha resquícios do charme aristocrático.

No caso da formatura da pequena turma de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, em 1972, o clima não foi de saudosismo, mas de manifestação política. “Receber o diploma da mão de um reitor indicado pelo regime militar, era o mesmo que recebê-lo da mão do Estado. E isto nós não queríamos”, comenta Rosinha Carrion, socióloga e atualmente professora da Escola de Administração da UFRGS. Ela e os colegas combinaram que cada um retiraria seu diploma na secretaria do curso.

Como era época de pleno emprego, Rosinha e seus colegas não temiam falta de trabalho. A única dúvida era quanto ao espaço que iriam ocupar no mercado, uma vez que a profissão de sociólogo ainda não estava regulamentada. Dois anos depois, ela fez mestrado em Sociologia Industrial e, até hoje, dá aulas e faz pesquisa em temas como gestão social e cooperação internacional.

Ontem e hoje: na década de 1950, traje de gala para o Theatro São Pedro e o registro único na foto oficial; agora, cenário, luzes especiais e câmeras

Década de 90 até hoje

Renato Oliveira caracteriza este período como o início do processo de massificação da universidade. É também o momento em que o profissional com ensino superior perde a aura dos anos 50 e a academia já não é depositária da mesma expectativa de ascensão social do passado. Neste contexto de redefinição da identidade da instituição universitária, as formaturas surgem como um rito de passagem e viram uma festa.

Festa que, no caso dos formandos em Jornalismo de 1995, aconteceu em duas etapas: a primeira, no Bar Ocidente – só com os mais chegados –, e a outra, no Jôquei Clube, com o pessoal de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda. Quem lembra é Alexandre Rocha da Silva, hoje professor do curso de Comunicação Social da Unisinos. Como foi voto vencido, teve que vestir a toga e também pagou os altos custos da produtora, para depois nem buscar o vídeo e as fotos.

Segundo ele, a dispersão do último ano acarretou essa aceitação tácita, de transformar a cerimônia em uma festividade cara. “Ficamos ocupados com as monografias e trabalhos de final de curso.” Passados 12 anos da formatura na UFRGS, ele recorda o sentimento de tristeza que sentiu naquele dia: “Estava satisfeito por ter concluído o curso, mas triste por abandonar aquele espaço onde queria ficar o resto da vida”. Alexandre, que não quis trabalhar nos veículos comerciais de comunicação, logo fez mestrado e doutorado, e hoje sente-se feliz formando profissionais de Jornalismo.

A necessária organização sindical

De acordo com o professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Antonio David Cattani, majoritariamente os egressos do ensino superior ingressam de forma precária no mercado de trabalho. Isso ocorre devido ao controle de grandes empresas, que promovem contratos temporários e estágios prolongados, com sub-remunerações: “Tem gente que com 30 anos continua como estagiário. São raras as empresas que mantêm uma política de incorporação de pessoal dentro de normas estáveis”, critica.

Cattani analisa a situação dos formandos que decidem trabalhar por conta, abrindo suas empresas, advertindo que, para ingressar neste mercado, os novos empresários precisam considerar a “estatística da mortalidade empresarial”. Conforme o professor, de 80% a 90% das novas empresas desaparecem do mercado em cinco anos – por fracasso ou por mudança de ramo. “É grave esta realidade. Há desperdício de talento, esforço e criatividade”.

Entretanto, o sociólogo, que tem trabalhos publicados sobre o tema (*Desigualdades na América Latina*, Ed. UFRGS, 2005), afirma que uma alternativa para mudar esse quadro é a organização sindical. Tanto profissionais liberais quanto microempresários devem buscar reger as relações de trabalho e as condições de concorrência, que hoje são impostas pelos grandes grupos empresariais. Cattani lamenta que 99% dos estudantes que se formam não conheçam os sindicatos.

Porém, o que mais preocupa o professor é uma idéia recorrente entre os formandos e seus familiares: “É um grande equívoco pensar na formatura como etapa final do processo de formação”. Para ele, a formação continuada é uma exigência não só profissional, mas também humana e deve ser uma preocupação da universidade.



ARQUIVO PESSOAL VENERANDO VARGAS DA SILVEIRA



POA PRODUTORES

Mercado de trabalho Planejar e estar pronto para mudanças

O coordenador do Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) da UFRGS, Marco Antônio Teixeira, trabalha com orientação profissional e desenvolvimento de carreira. Ao avaliar o significado da formatura, o psicólogo e professor fala da importância deste momento e da necessidade do futuro profissional estar preparado para mudanças pessoais e do mercado.

Jornal da Universidade – Como caracterizar o percurso universitário para chegar à profissionalização?

Marco Teixeira – É uma trajetória de desenvolvimento, tanto profissional quanto pessoal. O estudante típico costuma vir de um ambiente mais estruturado e protegido que é a escola de ensino médio, e precisa adaptar-se à

nova realidade que exige mais autonomia. De toda forma, observa-se ao longo da formação dos alunos uma crescente preocupação com a sua profissionalização. Ao mesmo tempo, os aspectos de integração social e pertencimento ao grupo tornam-se menos salientes em comparação ao início do curso, até porque o senso de pertencer ao grupo e os laços de amizade já se encontram consolidados.

JU – O que representa a formatura nesse processo?

MT – Ela é percebida como o ponto culminante desse percurso. Os sentimentos em relação à formatura, contudo, podem ser ambíguos. Por um lado, a alegria pela conclusão do curso, vista como uma conquista. Por outro,

muitos se sentem inseguros quanto ao futuro profissional, pois se percebem pouco instrumentalizados para buscar trabalho em um mercado cada vez mais competitivo. Do ponto de vista psicológico, a formatura sinaliza uma transição de desenvolvimento: é o momento de assumir um novo papel, o de trabalhador, e de pôr à prova sua capacidade de garantir a própria subsistência através desse papel. Isso para os que ainda não trabalham, é claro.

JU – Qual a importância do planejamento profissional?

MT – Desenvolver uma atitude ativa e de abertura à experiência é essencial durante a formação, para que o estudante possa identificar ou mesmo criar oportunidades de crescimento pessoal

e profissional, dentro e fora da universidade. Refletindo sobre seu percurso, o aluno pode reconhecer quais competências, técnicas ou pessoais, ainda precisa desenvolver para lidar melhor com o mundo da profissão, especialmente no que diz respeito à transição para o mercado de trabalho. Assim, com planejamento, o estudante pode buscar de modo autônomo e pró-ativo aprendizagens que lhe auxiliarão a atingir seus objetivos.

JU – Até que ponto é positivo estar preparado para mudanças profissionais?

MT – Muitas pessoas têm uma visão equivocada da escolha profissional, imaginando que há uma opção certa para cada um e que, uma vez iniciada uma carreira profissional,

mudanças indicariam que algo deu errado. Isso não é verdade. As escolhas profissionais não são estáticas, e sim reafirmadas todos os dias. Ao longo da vida as pessoas mudam, e também os seus valores, o que pode fazer com que elas reavaliem o que consideram prioritário. É cada vez mais importante perceber que o mundo do trabalho está em constante mudança e que as carreiras serão cada vez menos lineares, exigindo adaptações a novos contextos e diferentes modos de trabalhar. Novas aprendizagens serão necessárias, e uma competência fundamental que precisa ser desenvolvida é a de aprender a aprender, de modo que o profissional possa manter-se atualizado e constantemente aprimorando suas habilidades.

Cristina Kirchner agora é presidente

Argentina
*Eleita com
larga vantagem,
a governante terá
que lidar com um
povo desencantado
com a política*

Jacira Cabral da Silveira

A peronista Cristina E. Fernández De Kirchner, 54 anos, assumiu no dia 10 deste mês a presidência da República Argentina. Eleita no primeiro turno, com 45,29% dos votos, ela venceu a centro-esquerdista Elisa Carrió, da Coalizão Cívica, que ficou em segundo lugar com 23% dos votos e o ex-ministro da Economia Ricardo Lavagna, da Concertação UNA, terceiro colocado, com 16,9% dos votos. Mas a larga vantagem que elegeu a senadora veio acompanhada de um índice preocupante: compareceram às urnas cerca de 27 milhões de eleitores, 73% da população, menor número de votantes em eleições desde 1983, segundo o cientista político argentino Natalio R. Botana.

Para o vice-diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, César Augusto Barcellos Guazzelli, é precipitado buscar uma única razão para tal índice, bem como para o não comparecimento de mesários às sessões de votação. Ele prefere analisar o fato a partir do sentimento de desencanto popular com a política tradicional. “As pessoas não acreditam que possa acontecer alguma coisa nova, dadas as proporções da crise econômica e moral na Argentina. Pensam que qualquer coisa relacionada à política tem um grau de corrupção. A ausência nas eleições reflete isso.” Guazzelli cita a baixa votação de Kirchner como outro indicador da frustração do povo argentino, que não é um fenômeno recente.

Quando morou naquele país, em 1988, o pesquisador presenciou uma cena rara na atualidade. Certa noite, ao retornar para casa, deparou-se com um bando de homens e mulheres que caminhavam no meio da rua, tocando tambores e carregando tochas incandescentes. Para ele, fatos como esse não voltarão a ocorrer porque, diferente daquela época em que se buscava a incorporação das bases trabalhadoras, hoje se procura eliminar a participação das massas: “É perigoso, ainda mais quando se está fazendo uma política econômica que contraria tudo aquilo que sustentava o peronismo dos anos 50 e 60. Não cabe o apoio popular para quem está desenvolvendo uma política neoliberal”, explica.

Nesta reconfiguração do peronismo, conforme o historiador brasileiro, Cristina reafirma-se peronista, mas não quer ser confundida com as mulheres de Perón a quem tem sido comparada pela imprensa internacional. “Ela afirma que não pode ser cobrada como se fosse Evita, tampouco tem algo a ver com as tendências ideológicas de Isabelita, representante de um movimento fracassado que antecedeu o golpe militar. Por outro



Pleito teve o menor índice de comparecimento desde as eleições de 1983

Sobre a história argentina

QUINTETO DE BUENOS AIRES, de Manuel Vázquez Montalban (Companhia das Letras)

O PANELAÇO: A REBELIÃO ARGENTINA, filme de Carlos Prinzato

TESE DE DOUTORADO DE HERNÁN RAMIRO RAMÍREZ
Os institutos de estudos econômicos de organizações empresariais e sua relação com o Estado em perspectiva comparada: Brasil e Argentina, 1964-1996. Porto Alegre: PPG História UFRGS, 2005 (mimeo)

lado, trazer a bandeira do justicialismo é retornar às políticas assistencialistas.” De acordo com Guazzelli, a ideia de retomar uma presença forte do estado não passa pela cabeça de ninguém hoje em dia: “É uma condição inviável dentro da conjuntura mundial. Hoje o discurso recorrente diz que o que vale são as pessoas e não os partidos. E, esvaziando os partidos, esvazia-se a política.”

Neste sentido, o historiador considera que a presidente eleita investirá em sua capacidade oratória e figura atraente, preferindo distanciar-se daquilo que ele classifica como “fantasmas” femininos da política argentina. Com uma carreira política consistente, tendo passado pela experiência na Câmara de Deputados e no Senado, Guazzelli avalia que Cristina não será nem mesmo a legitimação de um kirchnerismo. Isto porque o ex-presidente da Argentina e marido de sua sucessora, Néstor Kirchner, manteve uma postura contrária: “ele se apresentou como aquele que estava no governo para cumprir seu dever e nada mais

do que isto, não prometeu mundos e fundos, tampouco apostou em um carisma que não tinha”.

Desafios – Do ponto de vista econômico, a professora da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Maria Heloísa Lenz, ressalta que Cristina Kirchner assume a presidência em um momento em que o crescimento real de seu Produto Interno Bruto (PIB), nos últimos quatro anos, teve a média de 8,4%. Segundo ela, neste mesmo período, a média brasileira foi de apenas 3,5%. “No entanto, a grande diferença é que a Argentina só recuperou o seu nível de atividade atingido em 1998, em 2005, ano em que o Brasil havia crescido 20% em relação ao seu PIB de 1998.” Isto mostra a profundidade da crise da economia argentina no período 1999-2002, quando a queda acumulada de seu PIB atingiu 22%. “Além disto, a taxa de crescimento na Argentina encontra-se em desaceleração, tendo passado de 9,2%, em 2005, para 8,5%, em 2006. As projeções para este ano apontam para algo em torno de 8%.”

Na avaliação da economista, atualmente a Argentina está muito distante do país emergente da virada do século XX, e permanece se recuperando da grave crise de 2001: “Mas ainda mantêm alguns indicadores socioeconômicos e culturais próximos dos países desenvolvidos, como o baixo índice de analfabetismo e de mortalidade infantil e a intensa atividade cultural”. Na área de política econômica, o principal desafio, de acordo com Heloísa, será o controle da inflação e a administração de uma crise fiscal que continua sem solução. “O emprego de medidas heterodoxas como os controles, os tabelamentos e o racionamento são insustentáveis no longo prazo. Ao mesmo tempo, o país necessitará de investi-

mentos adicionais na ampliação de sua infra-estrutura, já bastante envelhecida e precária.”

Nos últimos anos, a Argentina, que até então possuía os melhores serviços públicos da América Latina, enfrentou uma grave crise de abastecimento de energia, que ocasionou cortes constantes de eletricidade nas principais cidades do país e até apagões. “Este será um dos principais problemas de Cristina”, destaca a professora e explica: “No momento, o governo vem adotando uma série de medidas para restringir a demanda e aumentar a oferta interna, destacando-se a importação do gás boliviano e a redução da exportação do gás argentino para o Uruguai e Chile. Além disso, no campo tributário foram criados impostos para exportação de gás natural, petróleo e gasolina. A ideia é usar esses recursos para recuperar as obras de infra-estrutura”.

Fazendo uma retrospectiva, Heloísa afirma que o crescimento recente da Argentina foi baseado na retomada de sua capacidade ociosa acumulada durante a crise anterior. “Neste momento, a continuidade de seu crescimento vai depender da acumulação de capacidade produtiva adicional, o que requer investimento real, algo que não foi necessário nos anos anteriores, como os dados mostram claramente.” Na opinião da professora, isto também fica evidente pelas pressões inflacionárias ora existentes: “Os dados oficiais indicam que a trajetória da inflação, depois de uma aceleração aguda – quando passou de 3,3% ao ano, em 2003, para 12,3%, em 2005 – está caindo levemente, de 9,8% em 2006 para 9%, nos três primeiros trimestres de 2007”. No entanto, ela adverte que estes dados oficiais são “suspeitíssimos”, pois os índices de preços foram camuflados para baixo, durante a campanha presidencial.

Bem longe da sombra de Evita

“Não quero herdar nada, nem de Eva Perón, nem de Kirchner nem de ninguém. Ganhei tudo por meus méritos e por meus defeitos também”, comentou a presidente eleita, logo que divulgou sua candidatura na cidade de Madri, em julho deste ano. Assim pretende ser vista Cristina E. Fernández De Kirchner, natural de La Plata, onde nasceu no dia 19 de fevereiro de 1953. Ela é formada em Direito pela Universidade Nacional de La Plata, onde conheceu Néstor Kirchner com quem se casou em 1975. Tiveram um casal de filhos: Máximo e Florência. Sua vida política começou antes da do marido, em 1989, quando assumiu como deputada pela província de Santa Cruz, tendo sido reeleita em 1993. Chegou ao Senado pela primeira vez em 1995, e novamente em 2001, quando presidiu a Comissão de Assuntos Constitucionais. Cristina tem preferência por questões que envolvam relações internacionais. Em 2005, foi nomeada membro honorária da Universidad Hebrea de Israel, por sua contribuição em defesa dos direitos humanos e seu compromisso na investigação do atentado à Embaixada de Israel ocorrido na Argentina no dia 17 de março de 1992. Ao mesmo tempo em que se diz admiradora de Hillary Clinton, afirma que pretende manter a relação do governo argentino com os presidentes Hugo Chávez (Venezuela) e Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil).



ELANO DUTRA/PROJETO CONTATO

Manejo correto evita prejuízos

Doenças e monoculturas respondem pela evasão das colônias de abelhas



Apicultura Professor da Faculdade de Agronomia diz que acompanhamento das colméias previne mortandade de abelhas

Caroline da Silva

Monoculturas, inseticidas, tempo ruim, protozoários, ácaros, vírus e manejo precário podem ser as causas associadas da morte de abelhas e diminuição na produção do mel. Este foi um ano de alerta para a apicultura mundial. Os Estados Unidos sofreram uma mortandade muito grande desses animais, superior a meio milhão de colônias, contabilizando uma população de 50 mil abelhas, conforme informações divulgadas em abril. Fenômeno semelhante também abalou a Alemanha, mas na Espanha os pesquisadores vêm estudando o problema desde 2000.

Nas amostras que puderam ser recolhidas nos EUA foi encontrado um vírus identificado em Israel, o IAPV. “O vírus não foi a única causa, são vários fatores que podem atuar em conjunto, precipitando essa mortandade”, afirma o professor Aroni Sattler, da Faculdade de Agronomia da UFRGS. O ciclo de vida de uma abelha operária dura em média 42 dias. O professor, que ministra a disciplina de Apicultura para os cursos de Agronomia e Veterinária, explica que, com desnutrição e doenças, essa longevidade pode diminuir para até 15 dias: “As rainhas não conseguem repor essa população”. Para o especialista, quando um ser fica fraco em seu ambiente de vida, a reação natural é abandoná-lo e buscar outro local. Por isso as abelhas geralmente não morrem nas colméias, simplesmente soem. “Muitos animais morrem fora de seus ambientes, isso acontece também com as abelhas. Quando sentem que vão morrer, elas saem da colméia e seguem para o campo”.

Monoculturas – Aroni chama a atenção para a importância da diversidade da flora, em que esses insetos vão buscar seu alimento. Com o desenvolvimento da agricultura, as áreas de vegetação vêm diminuindo para dar lugar a um só tipo de cultivo. “Cada pólen tem uma composição. Durante milhares de anos, as abelhas sempre se alimentaram com pólen de várias origens, o que resulta num complexo protéico de vitaminas e aminoácidos bem variado.” Conseqüentemente, abelhas mal-nutridas estão mais suscetíveis a doenças.

Nas monoculturas são aplicados formicidas fortes que, além de eliminar as formigas, prejudicam o sistema imunológico das abelhas. Com o mecanismo de defesa abalado, elas sucumbem mais facilmente à ação de ácaros e protozoários. “Um dos problemas mais comuns é o ácaro Varroa”, esclarece o professor. O parasita perfura a pulpa (a fase bebê da abelha) e suga a imulinfina – o seu sangue. Não chega a ser letal, mas enfraquece muito o inseto. “Como perfura e suga, pode transmitir o vírus também”, alerta o pesquisador.

Nosemose no RS – Outro problema apontado pelo professor é a nose-mose, doença causada pelo protozoário *nosema apis*, que ataca o sistema digestivo do animal. Embora as abelhas contaminadas consigam ingerir o alimento, não o digerem e sua longevidade fica comprometida. Dessa forma, a produção de mel diminui. Conforme relato do especialista, nosso estado sofreu uma grande mortandade de abelhas neste inverno, causada pela nose-mose. Metade das colméias foi perdida, de julho a setembro,

na região da Campanha, com casos expressivos em São Gabriel, Bagé e Uruguaiana. Como tivemos um inverno rigoroso e prolongado, iniciado em maio, com muita chuva e frio, a reprodução das colônias foi prejudicada. Produtores daquela região relataram ainda a ocorrência de 45 a 50 geadas, que arrasaram a vegetação, impedindo a alimentação das abelhas. Quando isso ocorre, elas se nutrem do mel no interior da colméia.

De acordo com Aroni, um fator a ser investigado é a origem deste protozoário. Na Europa, através de técnicas moleculares, cientistas isolaram nas amostras de locais, onde houve despovoamento, o protozoário *nosema ceranae*, presente em mais da metade dos casos. O curioso é que este animal só era encontrado nas abelhas da espécie *apis cerana*, original do sudeste da Ásia. “As abelhas ceranas são essencialmente de origem geográfica, criaram-se em um ambiente por milhares de anos, desenvolveram características para sobreviver ali e não se propagaram. Só a espécie *apis mellifera* (tanto africanas como europeias) é que invadiu o mundo todo, porque o homem levou”, explica o professor. Como na Europa não havia a suspeita de que o causador da debilitação das colônias fosse essa variante de *nosema*, já que os pesquisadores nem sabiam de sua ocorrência, o mesmo pode estar acontecendo aqui. Por isso, o especialista da UFRGS foi a São Gabriel coletar amostras de abelhas para a análise. O docente está firmando uma parceria com um Instituto de Apicultura da Espanha a fim de enviar esse material para ser comparado com o identificado naquele continente.

Impactos econômicos – A expectativa para o final deste ano é que a produção gaúcha de mel diminua em até 30%, após a safra de dezembro. A situação nos Estados Unidos, por exemplo, é muito mais grave porque os norte-americanos investem nas abelhas para a polinização. “No cultivo de amêndoas, o aluguel por colméia passou de 60 para 150 dólares, em função da falta dos insetos”, pontua Aroni. No Brasil, este tipo de trabalho está sendo iniciado com macieiras. No entanto, o professor acredita que a polinização seria rentável no plantio de melão, fruta que o país exporta em larga escala.

Após as perdas do inverno, o produtor deve repovoar as colméias. “A situação melhora quando o apicultor faz a troca de rainhas”. Segundo o professor de Apicultura, as abelhas rainhas velhas, com cerca de dois anos, têm sua capacidade de desova diminuída. “São manejos simples que podem diminuir sensivelmente esses despovoamentos, mas falta profissionalização”, conclui Aroni.

Driblando prejuízos – Produtor integrante da Associação Gaúcha de Apicultura (AGA), Edmar Cunha, trabalha com apicultura há 25 anos e participa da Feira de Agricultores Ecológicos (FAE) do Brique da Redenção desde o início, sendo um de seus fundadores. O apicultor não teve perda de colméias neste ano: “Alimentei com mel no inverno”. Mas, em 2006, houve uma queda de 20% na produção. Ele acredita que a redução tenha sido motivada pela chuva e o frio, sem floração suficiente para as abelhas se alimentarem. Cunha tem colméias na Lomba do Pinheiro e em Viamão; onde também mantém cabeças de gado. O mel de uva do Japão, um dos seus diferenciais na Feira, vem de Roca Sales.

Outro expositor na Feira Ecológica, Tales Prado, também relata que não sofreu diminuição nas suas populações de abelhas, embora tenha ouvido falar muito da evasão de colméias. O apicultor, que tem sua produção em Rio Pardo, acredita que o mau manejo aliado às más condições climáticas são os causadores da fuga das abelhas.

O relato desses dois expositores da Feira do Brique demonstra como o bom acompanhamento da atividade, e o domínio de técnicas, pode prevenir prejuízos.

Mel Mercado emergente

O mel é a reserva de energia da abelha dentro da colméia. Produzida a partir do néctar das flores e dos sucos açucarados de outras partes das plantas, a substância doce é constituída de, aproximadamente, 80% de carboidratos. As abelhas coletoras sugam o néctar pela sua trompa, armazenam na vesícula melífera e voltam à colméia, onde o entregam às operárias jovens.

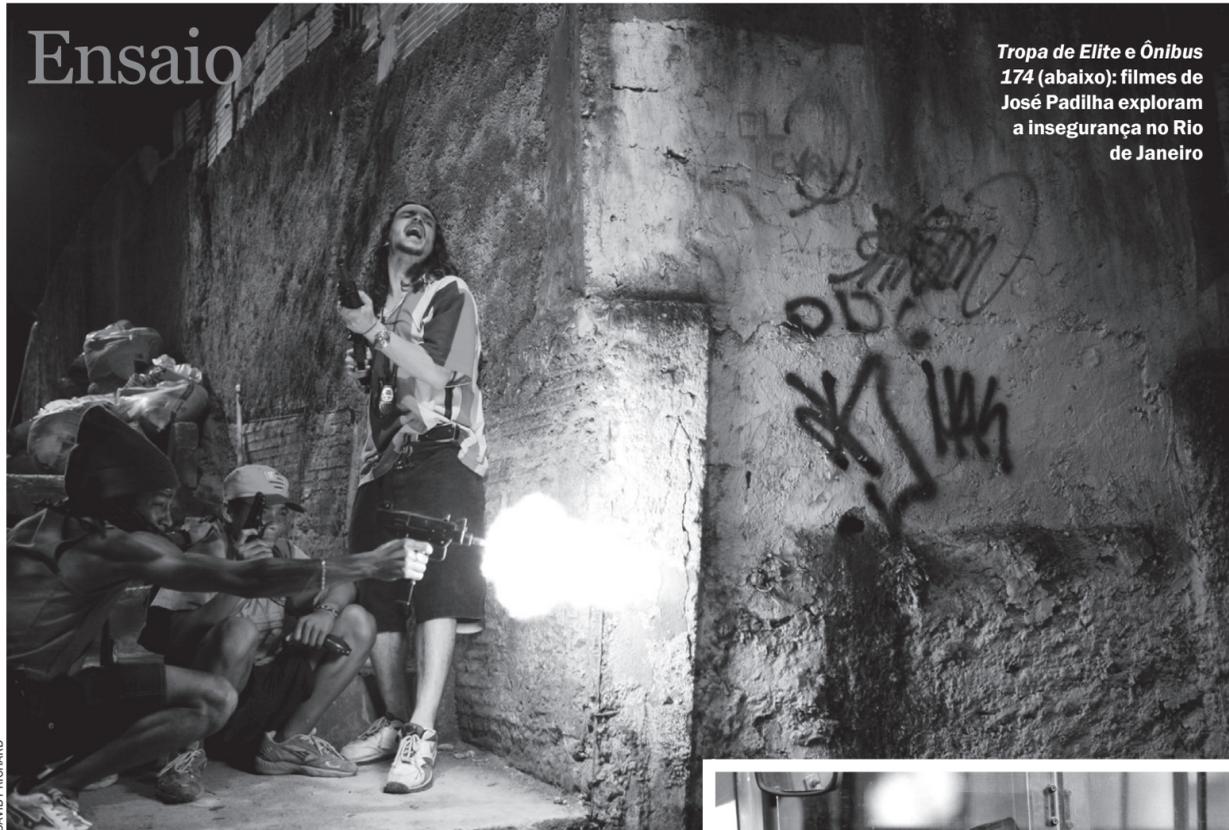
Além dos conhecidos benefícios do própolis à saúde – principalmente nos problemas respiratórios, o próprio mel tem funções nutritivas, biológicas e terapêuticas. Facilita a assimilação e digestão de outros alimentos, principalmente do cálcio em crianças e a retenção de magnésio. Possui propriedades laxantes, sedantes, anti-hemorragias, antitóxicas, anti-sépticas, anti-anêmicas e emolientes. Também permite um melhor rendimento físico, principalmente nos desportistas, pela sua rápida assimilação e recomposição dos nutrientes.

Cada espécie botânica determina um tipo de mel, por isso existem variações na cor, aroma e sabor. Para o professor de Apicultura da Faculdade de Agronomia da UFRGS, Aroni Sattler, o mel é um adoçante natural que não foi contaminado com o processamento industrial. “Seu uso não deveria limitar-se ao adoçante, pois é um alimento de alta qualidade, rico em energia e que equilibra os processos biológicos do organismo.”

A produção de mel responde por uma boa fatia da economia brasileira, por isso a apicultura é uma atividade importante. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, o país faturou 85 milhões de reais com a produção da substância, apesar do brasileiro ter um consumo médio baixo (cerca de 300 gramas por habitante ao ano). Em nações da Europa, da África e nos Estados Unidos, essa taxa alcança até mais de 1kg por habitante ao ano. O Brasil exporta mel para Alemanha, Espanha, Canadá, EUA, Porto Rico e México, mas a produção brasileira, de 170 mil toneladas anuais, ainda está aquém do que o mercado internacional poderia comprar.

Qualidade certificada

No Brique da Redenção, aos sábados pela manhã, é possível adquirir mel analisado na UFRGS. A Faculdade de Veterinária da Universidade possui um laboratório que inspeciona a qualidade do produto. As pesquisadoras Andréa Troller Pinto e Maira Zanella prestam serviços aos produtores da Associação Gaúcha de Apicultura (AGA). O telefone do Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados, Ovos e Mel é 3308-9995. Outras informações sobre a constituição e as qualidades do mel podem ser encontradas nos Sistemas de Produção do site da Embrapa no endereço <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br>.



Tropa de Elite e Ônibus 174 (abaixo): filmes de José Padilha exploram a insegurança no Rio de Janeiro

DAVID PRICHARD

Práticas de violência urbana

Clary Sapiro*

O FILME *Tropa de Elite* ganhou destaque na produção cinematográfica por tratar-se simultaneamente de um retrato “instantâneo” do cotidiano das metrópoles brasileiras e de um ensaio quase-teórico, pois se propõe a uma reflexão sobre o significado da violência na cultura brasileira e o sofrimento moral.

Abordar esta temática tem como propósito enfatizar a importância da interlocução entre a produção acadêmica e a produção cultural sobre causas e conseqüências da violência urbana no Brasil.

“Aceitar que a violência possa ser naturalizada é uma tentativa de diluir o terror que ela provoca, de se submeter aos seus efeitos, e de não se implicar com as possibilidades, mesmo pequenas, de sua transformação.” (Maria Laurinda Ribeiro de Souza, *Percurso*, nº. 25, 2000)

Há 13 anos, pesquisamos a questão da violência e banalização da vida na construção de identidade do adolescente. Tópico bastante discutido face ao cotidiano do país. A análise científica das causas da violência em nosso país tem diversos prismas teóricos e visa possibilitar o aperfeiçoamento de instituições sociais; assim como a disseminação desse conhecimento na execução de políticas públicas na educação, saúde, e demais áreas com as quais as esferas pública e privada têm interface.

Nas áreas da psicologia e da educação temos como irrefutável que o ser humano não pode ser privado de afeto e reconhecimento para construir um sentido de quem é e do que pode fazer no mundo, sob pena de tornar-se um reprodutor de violência. As trocas afetivas positivas são imperativas para a sobrevivência e o desenvolvimento de cada indivíduo, bem como da sociedade humana.

O psiquiatra alemão Erik Erikson, autor de *Identidade, juventude e crise* (1976), embora não tão citado atualmente, resume em algumas sentenças as possibilidades de constituição de uma identidade pelo adoles-

cente, como resultado das primeiras interações sociais:

“Eu sou a esperança que tiver [e der] Eu sou o que posso querer livremente Eu sou o que posso aprender para realizar trabalho Nós somos o que amamos. Eu sou o que sobrevive de mim” (p.90-140)

Podemos concluir, através desses indicadores de condições individuais intrínsecas na constituição subjetiva – que profundas marcas de privação, desigualdade e injustiça não propiciam trocas afetivas protetoras para a manutenção de uma rede social fundada em valores como tolerância e solidariedade. No retrato social que *Tropa de elite* oferece isso é explicitado, tanto entre os marginalizados quanto entre os que têm como “missão” restituir a ordem social.

A injustiça é também retratada no filme através das formas de corrupção no exercício de poder. A corrupção no Brasil pode ser analisada sob um enfoque sociocognitivo e moral. Sob essa abordagem, num contexto social no qual a justiça é esperada, mas não realizada, seus cidadãos tiveram e têm que responder a um estado de “desequilíbrio sociocognitivo permanente” mantendo ambígua também, a aquisição da autonomia moral, já que há necessidade de criar um sistema moral paralelo para justificar procedimentos não compatíveis com o bem comum. Ainda, muitas instâncias da sociedade brasileira nos submetem a soluções muitas vezes indignas que manifestam perda de confiança nos direitos civis – tais como, grades de proteção, ou não prestar socorro a um “estranho”. Tais práticas colidem com nossos valores morais e, conseqüentemente, produzem sofrimento constante ou pior ainda, a adaptação e à banalização da vida – do outro, do estranho a cada um de nós. A maneira pela qual lidamos com o

que nos perturba, é fazendo daquilo que era incomum, o usual.

Usando ainda *Ônibus 174*, o segundo filme de José Padilha como mote de discussão acadêmica, faremos uma retrospectiva conclusiva: a análise sobre a banalização da vida tornou-se tema na imprensa leiga em 1992. Em 1993, mais precisamente em 23 de julho, ocorreu a “chacina da Candelária”, em que sete meninos e um jovem adolescente foram assassinados a tiros. A chacina ocorreu sob uma marquise em frente à igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro, quando cerca de 50 crianças, todos moradores de rua, dormiam. Os sobreviventes relataram que cinco homens desceram armados de dois carros e atiraram para matar. Teria sido “uma lição” porque um deles apedrejou o carro particular de um policial. Um dos sobreviventes era Alessandro da Silva. Sandro foi o seqüestrador do ônibus 174 Gávea-Central do Brasil. *Ônibus 174* foi o primeiro documentário de José Padilha, no qual o cineasta expôs a complexidade na superação maniqueísta de quem é o lado “bom” e quem é o “mau”. A problemática foi novamente abordada em *Tropa de elite*. Desde 1993, a situação tem se agravado.

Tropa de Elite (2007, ação, 118 min.) O diretor José Padilha escreveu o roteiro do filme com Rodrigo Pimentel, ex-integrante do Batalhão de Operações Especiais (Bope), a “tropa de elite” da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Ônibus 174 (2002, documentário, 133 min.) Padilha reconstrói o contexto que culmina no seqüestro do ônibus na zona sul da capital carioca, em 12 de junho de 2000.

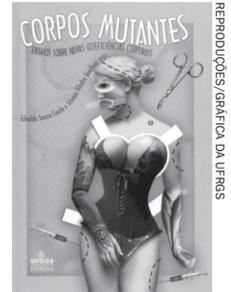
* Coordenadora do Núcleo Construção de Valores, Identidade e Violência na Adolescência (Conviva) do Instituto de Psicologia

Resenhas

Por Caroline da Silva

Incertezas da corporalidade

“As fronteiras do corpo não cessam de ser metamorfoseadas nas artes, nas ciências e nas técnicas.” Ele é um objeto da cultura. Partindo dessa premissa, doze pesquisadores desenvolveram ensaios sobre diversas tecnologias que dão ao corpo novas competências e eficiências. Além da discussão óbvia sobre o culto da perfeição e da boa forma, os textos evidenciam um corpo como elemento social, psicológico, religioso, filosófico, educacional, científico e tecnológico. Os corpos mutantes são esses, então, manipulados por intervenções médicas e digitais, que dessa forma ganham outros métodos de abordagem. “Se o corpo é sempre um rascunho, está totalmente disponível a reformas, é porque tudo nele passa a ser considerado uma escolha.”

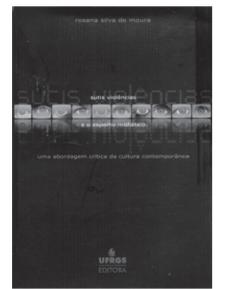


CORPOS MUTANTES: ENSAIOS SOBRE NOVAS (D)EFICIÊNCIAS CORPORAIS Ed. UFRGS, 2007, 183 págs., R\$ 16,80*, organizado por Edvaldo Souza Couto e Silvana Goellner

REPRODUÇÕES/GRÁFICA DA UFRGS

Efeitos da Indústria Cultural

A experiência como professora na educação básica e também na disciplina de História do ensino fundamental de Rosana Silva de Moura constituiu o objeto de pesquisa da dissertação em Educação que agora vira livro. “O conformismo em relação aos ditames da indústria cultural pode ser visto não só no aluno, mas também nos professores e, de uma maneira mais alargada, envolve a comunidade escolar.” Para a autora, a subjetividade é forjada, ou ainda, a cultura de consumo gera um distanciamento entre as subjetividades: “O que se via e escutava dentro da escola eram ecos além-muros, ressonâncias de uma racionalidade de um tempo”. Esse é um problema na área da educação, pois o fazer pedagógico implica numa ruptura da fronteira entre professor e aluno e também porque abordar a cultura exige que de alguma maneira o pesquisador se reconheça nela.



SUTIS VIOLÊNCIAS E O ESPELHO MIDIÁTICO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA Ed. UFRGS, 2007, 111 págs., R\$ 16*, de Rosana Silva de Moura

Contextos do lazer

O lazer ainda não é tratado como tema relevante de discussões sociológicas. No entanto, nos 11 artigos desta publicação, o esporte configura-se como um objeto já constituído pela paisagem urbana. Os textos decorrem das pesquisas do projeto “O esporte na cidade”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Socio-culturais em Educação Física (Gesef). As atividades esportivas são, no e para o livro, práticas corporais que se apresentam pelo olhar de seus protagonistas, já que os textos resultam de trabalhos etnográficos. O atletismo, o futebol, o jogo-de-bocha, a dança de rua e o skate funcionam como elos de interação entre as pessoas, instituindo-se, assim, como fatores determinantes para sociabilidades específicas.



O ESPORTE NA CIDADE: ESTUDOS ETNOGRÁFICOS SOBRE SOCIABILIDADES ESPORTIVAS EM ESPAÇOS URBANOS Ed. UFRGS, 2007, 2a. ed., 194 págs., R\$ 20*, organizado por Marco Paulo Stigger, Fernando Jaime González e Raquel da Silveira

*Preços nas Livrarias da UFRGS (www.livraria.ufrgs.br)



Para entender os mitos literários das Américas

Literatura

Dicionário lançado pela Editora da UFRGS e Tomo Editorial traz verbetes de especialistas de todo o mundo

Ânia Chala

Uma tentativa de cartografar o imaginário coletivo das Américas. Assim pode ser definida a idéia que moveu os idealizadores do *Dicionário das Figuras e Mitos Literários das Américas*, lançado durante a 53ª Feira do Livro de Porto Alegre pela Editora da UFRGS e Tomo Editorial. A obra, organizada por Zilá Bernd, professora-colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras, foi desenvolvida a partir de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o apoio da Pró-reitoria de Pesquisa, e reúne 110 verbetes.

Resultado de três anos de trabalho, a confecção do volume teve a colaboração de 77 pessoas, entre bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos da UFRGS, além de autores estrangeiros ligados a instituições francesas, canadenses e argentinas.

Segundo Zilá, a produção literária americana é heterogênea, por isso, o dicionário procura fazer um mapeamento das figuras que ganharam uma dimensão mítica e das formas pelas quais elas foram apropriadas por escritores do Brasil, da América do Sul, do Caribe e da América do Norte. “Como professora, percebi que os dicionários de mitos literários aos quais nossos alunos recorriam eram traduzidos de obras feitas na Europa, que continham uma antologia de mitos greco-latinos.”

A pesquisadora ressalta que, para a produção de cada verbete, foram escolhidos os maiores especialistas. “A professora Heloísa Costa Milton, da Unesp, por exemplo, que escreveu sobre o mito do malandro, já publicou inúmeros livros e desenvolveu sua tese de doutorado sobre esta figura. Os doutorandos que convidamos a colaborar produziram um trabalho dentro da sua área de pesquisa, trazendo uma bibliografia muito atualizada.”

Organização – Os verbetes que compõem a obra têm a seguinte estrutura: primeiro, a apresentação ou definição, em que o autor mostra qual a origem dessa figura ou mito; depois, um histórico, no qual se procura localizar a primeira aparição daquele personagem; e, em terceiro lugar, vêm os campos de aplicação, em que o autor oferece uma prova da sua erudição listando as obras que se apropriaram desse mito e o transformaram em matéria de sua literatura.

Além disso, o autor de cada verbete faz uma síntese crítica, com uma reflexão pessoal sobre aquele mito. De acordo com Zilá, a palavra mito

tem aqui o sentido de um discurso criado para superar contradições e impasses. A professora acrescenta que os autores fornecem uma bibliografia teórica e outra literária. Ao final de cada verbete, é apresentada uma correlação com outros mencionados dentro do próprio dicionário. “Também oferecemos aos leitores duas formas de consulta: por ordem alfabética ou através das constelações, que funcionam como bacias semânticas, áreas de sentido de verbetes afins.”

Por isso, o dicionário é também um trabalho de literatura comparada, já que muitos autores trazem exemplos de diferentes contextos. “Calibã, cuja origem está em Shakespeare, aparece no contexto de Cuba e do Caribe e também pode ser encontrado em autores brasileiros”, esclarece a professora, para quem essa amarração é um dos pontos mais ricos da obra.

Divulgação – O início do trabalho foi uma aventura: Zilá recorda que, durante as primeiras reuniões em Montreal, com as equipes de pesquisa da Universidade de Montreal e da Universidade do Québec, o grupo achava que o dicionário era um projeto muito complexo, e que nem todos os verbetes teriam uma dimensão que abrangesse todas as Américas. “Terminamos decidindo que, em português, eu faria o trabalho na forma de um dicionário; e no Québec, seria publicado paralelamente um livro intitulado *Mitos e sociedades*. Nesse volume eles escolheram trabalhar com cerca de 20 mitos, que são apresentados de maneira mais aprofundada, na forma de ensaios. Creio que uma coisa complementa a outra, pois naquela publicação, os autores remetem ao dicionário.”

A confecção do dicionário envolveu cerca de 30 universidades. Por conta disso, a organizadora prevê que os próprios autores, todos docentes em diferentes programas de pós-graduação, farão a divulgação da obra junto às suas instituições. Zilá acredita ainda que, mesmo que eles não façam isso explicitamente, ao darem suas aulas irão mencionar o dicionário e ele irá aparecer na bibliografia de muitos artigos científicos apresentados em congressos. “Nossos próprios alunos de pós-graduação, já em fase de conclusão de seus cursos, dizem: como eu gostaria de poder ter tido acesso a esse material quando estava começando meu trabalho.”

A pesquisadora diz que já está em conversações com um editor de Québec, responsável por uma coleção intitulada *Americana*, que gostaria de publicar o dicionário. “Porém, para que uma obra receba financiamento para publicação, precisa ter um número equivalente de autores canadenses ou quebequeses e estrangeiros. E o nosso dicionário tem muito mais autores brasileiros e latino-americanos. Mas acho que será possível contornar isso, nem que tenhamos que diminuir o número de verbetes”, conclui.

O projeto atual de Zilá é uma cartografia do imaginário insubmisso das Américas, através do qual pretende estudar um determinado número de autores nos quais se possa flagrar essa insubmissão.



Don Quixote Herói numa cultura, motivo de deboche em outra

Flagrar a constituição de elementos culturais novos, originais e próprios das Américas foi outro dos objetivos da produção do *Dicionário das Figuras e Mitos Literários das Américas*. Para Zilá Bernd, a obra tem a riqueza de fazer o traçado e o mapeamento dessa construção identitária, apontando elementos de relações literárias interamericanas. Os autores que produziram os verbetes lidam com literaturas que se exprimiram nas quatro principais línguas das Américas: o inglês, o francês, o espanhol e o português. “Quase sempre, essas relações são estabelecidas pelos leitores, porque os autores que utilizam um mesmo mito em seus romances, na maioria das vezes, não se conhecem. Além disso, existe a barreira de língua.”

Conforme a pesquisadora, uma das figuras que se sobressai no imaginário coletivo americano é a do transgressor, determinada pela necessidade que esses autores têm de se apropriar das figuras e mitos europeus, numa espécie de antropofagia cultural. “Eles se apropriam do

mito de Don Juan, que tem origens longínquas e fazem todo um processo de carnavalização e de desconstrução. Nas Américas, Don Juan é desconstruído numa espécie de revolta do Calibã, daquele que foi colonizado, a quem foi imposta uma cultura.”

No dicionário também há muitas figuras que representam a mobilidade, o andarilho, o viajante, numa tradução da necessidade constante de deslocamento de um espaço a outro, característica das Américas. O andarilho é uma manifestação de contraposição ao poder, que é imóvel e tenta imobilizar tudo ao seu redor. Na opinião da professora, um dos aspectos interessantes na análise desse mito aparece no verbete sobre Don Quixote, escrito por um professor da Universidade de York, no Canadá, especialista em América Latina: “Ele fez uma pesquisa muito original sobre como a figura de Don Quixote, que surge da pena de um autor espanhol do Renascimento, é utilizada de maneira completamente diferente na América do Norte e na América do Sul. Na primeira, quando os autores vão reinterpretar o mito,

privilegiam o Sancho Pança, porque ele é o tipo prático, aquele que tenta fazer o cavaleiro aterrissar. Enquanto que, na literatura latino-americana, a escolha recai sobre a figura do cavaleiro idealista, que se rebela contra o poder.”

Para a professora, entre os escritores brasileiros, um dos que mais faz essas apropriações transgressivas é João Ubaldo Ribeiro. “Seu grande valor é conseguir, numa obra como *Viva o povo brasileiro*, manter uma intertextualidade flagrante entre elementos clássicos e da cultura popular, sem nunca estabelecer relações de hierarquia entre um e outro. Ele constrói uma identidade nacional através da fusão de todas essas memórias, escolhendo a sua ancestralidade.”

Zilá acredita que mais importante do que buscar catalogar um escritor a partir da sua nacionalidade é entender as escolhas da sua ancestralidade cultural. “Ver quem ele escolhe, o que muitas vezes não tem nada a ver com a nacionalidade”, conclui.



CAMILA ROSS

“ Os dicionários de mitos literários aos quais nossos alunos recorriam eram traduzidos de obras feitas na Europa, que continham uma antologia de mitos greco-latinos.”

Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas

Ed. da UFRGS e Tomo Editorial, 2007, 704 págs. R\$ 64 (nas Livrarias da UFRGS), organizado por Zilá Bernd



► **Redação** Juliano Tatsch | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Unimúsica

Balço da programação



Atividades reuniram cerca de 10 mil pessoas

No mês em que se realizou o último dos sete espetáculos do Unimúsica, o Jornal da Universidade ouviu dois dos responsáveis pela programação para fazer um balanço da edição 2007. A professora do Departamento de Música, Luciana Del-Ben, que participou do Conselho Consultivo do projeto, avalia que a experiência foi muito positiva. "Uma das preocupações do departamento do qual faço parte é a inserção social da Universidade. Embora o Instituto de Artes

não tenha um curso de graduação em música popular, ela está cada vez mais presente na formação que oferecemos. Na Licenciatura em Música, por exemplo, já existem disciplinas em que os alunos têm que compor e fazer arranjos com música popular."

Para a coordenadora do Unimúsica, Lígia Petrucci, a programação deste ano teve como diferenciais: a colaboração de um Conselho Consultivo; a promoção de uma seminaário sobre a canção na música popular brasileira; uma edição especial do Sarau Elétrico e a realização de uma segunda edição do Unimusiquinha, que

se consolidou como um projeto dedicado ao público infantil, tendo um espetáculo especialmente concebido com a participação da Orquestra da Escola Municipal Heitor Villa-Lobos. "Outra experiência importante foi a parceria com a Rádio da Universidade, na realização dos *Encontros com o Artista*, em que fizemos entrevistas ao vivo com os músicos convidados na véspera de cada apresentação", destaca a coordenadora. Ela acrescenta que quem acompanhou a seqüência de shows pode perceber o quanto a canção é importante na nossa memória cultural.



Edição deste ano teve show com Izabel Padovani Quarteto (acima) e seminário com Luiz Tatit (ao lado)

"Todo mundo conhece *Carinhoso*, mas poucos se dão conta de que Braguinha compôs inúmeras marchinhas de Carnaval e também criou canções infantis, que até hoje conhecemos. Isso nos permite estabelecer relações entre coisas que passam despercebidas no dia-a-dia."

Lígia conclui sua avaliação dizendo que uma das melhores qualidades do Unimúsica é a capacidade de

congregar pessoas de idades, formações e origens diferentes. "Essa é uma característica rara num tempo em que se fala muito na segmentação de público. O Unimúsica preserva essa capacidade de agregação porque acontece numa universidade pública e traz música popular. Acho que ele de certa forma junta as pontas de elementos muito fortes na cultura brasileira."

CINEMA

Visões da Terra

Ciclo de filmes com curadoria de Christophe Benest, diretor da Aliança Francesa de Porto Alegre, promovido como atividade paralela à exposição em cartaz no Museu da UFRGS.



O PESADELO DE DARWIN (Documentário, França/Áustria/Bélgica, 107 min., 2004), de Hubert Sauper. Um retrato da pesca predatória no Lago Vitória, na Tanzânia, responsável pela extinção das espécies nativas. Premiado em vários festivais. Data: 11 de dezembro, terça-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

O BARCO DA LIBERDADE (Comédia, França, 107 min., 2000), de Bruno Podalydes. Pai de quatro garotos compra um veleiro na esperança de reunir a família. Mas o que seria uma viagem agradável se transforma em pesadelo. Data: 12 de dezembro, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

HIMALAIA (Drama, França, 104 min., 1999), de Eric Valli. Karma retorna de uma longa jornada, trazendo a notícia da morte do filho do chefe de sua aldeia natal. O chefe decide punir o viajante e os conflitos entre os dois dividem os habitantes locais. Data: 12 de dezembro, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

IMENSIDÃO AZUL (Drama/Romance, EUA/França, 132 min., 1988), de Luc Besson. O francês Jacques e o italiano Enzo competem para ver quem é o melhor mergulhador desde a infância. Vinte anos depois, Jacques, agora um mergulhador a serviço de pesquisas científicas, é novamente desafiado por Enzo, e os dois disputam o título mundial na Itália. Data: 14 de dezembro, sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 19h Entrada franca

Cine CUCA - 70 anos da UNE

A União Nacional dos Estudantes realiza, em parceria com o Instituto Cultura em Movimento, sessões gratuitas de cinema nas universidades de todo o país. As apresentações visam criar um espaço para mobilização de um público formador de opinião, possibilitando a troca de experiências entre alunos e professores e estimulando o debate e a reflexão.



CÃO SEM DONO (Drama, Brasil, 82 min., 2007), de Beto Brant. Recém-formado em Literatura, o jovem Ciro vive uma crise existencial dentro do apartamento que divide apenas com seu cachorro. Sua falta de perspectiva é balanceada pela chegada de Marcela, jovem modelo em início de carreira. Data: 12 de dezembro, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 12h30min Entrada franca

Exibição de dois documentários que se completam e formam um só filme, contando os 70 anos de história da UNE a partir de dois pontos de vista:

OU FICAR A PÁTRIA LIVRE OU MORRER PELO BRASIL (Documentário, Brasil, 53 min., 2007), de Sílvio Tendler. Um perfil cronológico da militância dos jovens brasileiros, desde a década de 30 até 2007, quando a UNE ocupou e retomou o terreno onde funcionava a sede da entidade - que foi incendiada em 1964.

O AFETO QUE SE ENCERRA (Documentário, Brasil, 50 min., 2007), de Sílvio Tendler. O filme explora os aspectos culturais e comportamentais relacionados ao movimento estudantil. Tem com foco a produção cultural, destacando peças teatrais, poesias e músicas feitas pelos militantes, a maioria com forte crítica social e política. Data: 13 de dezembro, quinta-feira Local e horário: Sala Redenção, às 12h30min Entrada franca

TEATRO

Mostra de Teatro do DAD

A produção cênica dos alunos de graduação. Entrada franca com retirada de senhas 1h antes da apresentação

GRANDE RECITAL OPERÍSTICO E CONVERSÕES INTRUSIVAS SOBRE A VIDA E A ARTE DOS ARTISTAS Adaptação do texto *A prima-dona*, de Alcione Araújo, sobre cantora lírica decadente. Com Letícia Chiochetta e orientação de Gisela Habeyche. Data: 13, 14 e 15 de dezembro Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 20h

ANÔNIMAS Espetáculo baseado em conto de Rubem Fonseca que mostra o mundo particular de três mulheres aparentemente comuns. Roteiro e direção de Juliana Brondani. Elenco: Fernanda Nascimento, Luísa Herter e Sofia Salvatori. Data: 18, 19 e 20 de dezembro Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 20h

UFRGS TV

Especiais de fim de ano

UNIMUSIQUINHA Espetáculo *Arca de Canções*, com a orquestra de Flautas da Escola Municipal Heitor Villa-Lobos. Data: 21 de dezembro Onde: UNITV, às 21h30min

COLETÂNEA DE SHOWS Destaques dos espetáculos musicais apresentados em 2007. Data: 25 de dezembro Onde: UNITV, às 21h30min

JAIME TORRES Show do músico e compositor argentino no encerramento do XIX Salão de Iniciação Científica. Datas: 27 e 28 de dezembro Onde: UNITV, às 21h30min



SARAU Apresentação de Nico Nicolaiewsky (foto) durante edição do Sarau Elétrico para o Unimúsica 2007. Data: 1º de janeiro Onde: UNITV, às 21h30min

EM SINTONIA COM ELOY FRITSCH A trajetória do músico e professor do IA e da banda de rock progressivo Apocalipse. Datas: 3 e 4 de janeiro Onde: UNITV, às 21h30min

ONDE?

MUSEU DA UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3933

SALA QORPO SANTO
Av. Paulo Gama, s/nº
Fone: 3308-3080

SALA REDENÇÃO
Av. Paulo Gama, s/nº
Fone: 3308-4022

SALÃO DE ATOS
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3058

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Av. Paulo Gama, s/nº
prédio 12.201
Fone: 3308-3424

PLANETÁRIO JOSÉ BAPTISTA PEREIRA
Av. Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI (MARGS)
Praça da Alfândega, s/nº
Fone: 3227-2311

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN)
Av. Independência, 867
Fone: 3311-1188

EXPOSIÇÕES

Visões da Terra

Prossegue a exposição organizada em parceria do Museu da UFRGS com a Copecul, que apresenta uma reconstituição ilustrada completa da evolução da Terra e da vida. Visitação: até agosto de 2008 Local e horário de visitação: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira das 9h às 18h (sujeito a alterações em função do horário de verão na UFRGS) Entrada franca



Mestiçagens na arte contemporânea

Mostra que reúne 20 trabalhos de Alfredo Nicolaiewsky, Bernard Paquet, Eliane Chiron, Lenir de Miranda, Marcelo Gobatto, Maria Lúcia Cattani, Maristela Salvatori e Paulo Gomes. Os artistas integram o grupo de pesquisa coordenado pela professora Iolêa Cattani, do Instituto de Artes da UFRGS. Data: até 27 de janeiro Local e horário de visitação: MARGS, de terças a domingos, das 10h às 19h Entrada franca

Trajetos

Exposição dos trabalhos de Júlia Berenstein, Juliana Angeli e Mário Azevedo, cujas obras foram produzidas a partir de imagens fotográficas que têm em comum o fato de terem sido criadas a partir de um deslocamento pela cidade. Data: até 25 de janeiro Local e horário de visitação: IPHAN, de segunda a sexta-feira das 9h às 12h e das 14h às 18h Entrada franca

PLANETÁRIO

Projeto Selene

Programa de observação de planetas e astros notáveis no céu de Porto Alegre através de telescópio. A atividade inicia logo após o pôr-do-sol no pátio do Planetário José Baptista Pereira e, em caso de mau tempo, será cancelada. Data: dias 15 e 16 de dezembro, sábado e domingo Entrada franca

VÍDEO

Que casa é essa?

O Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Infantil (Cinedi), da USP de Ribeirão Preto, São Paulo, em colaboração com o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social (NUPEEVS), da Faculdade de Educação da UFRGS, lança o vídeo sobre abrigos para crianças e adolescentes. A produção baseou-se na experiência de pesquisa em desenvolvimento e educação de crianças de zero a seis anos do centro paulista. Após a exibição, haverá debate com as professoras Maria Clotilde Rossetti-Ferreira e Solange Aparecida Serrano, ambas do Cinedi, e Cláudia Fonseca, da Faculdade de Educação da UFRGS. Data: 12 de dezembro, quarta-feira Local e horário: Sala 101 da Faced, às 18h30min Entrada franca

Palco

A história da professora do DAD se confunde com a UFRGS e a cidade de Porto Alegre

Caroline da Silva

Há exatos 30 anos, Mirna Spritzer estreou no teatro. O ano de 2007 foi marcante em sua vida, não só pelo passo inicial na carreira. A história do Departamento de Arte Dramática (DAD) da UFRGS está bastante atrelada à trajetória desta sua professora: ambos nasceram em 1957.

“Mas não era bem assim, para uma menina nascida e criada no Bom Fim, de repente ser atriz”. Seus pais incentivavam muito o estudo e a leitura em casa: “Meu pai dizia que podem tirar tudo de uma pessoa, mas a formação nunca lhe tiram”. Das memórias da infância, ela destaca as noites com a família ouvindo rádio e eletrola. “Tenho muito orgulho da riqueza dessa vida familiar, em torno da leitura e da imaginação.”

Mirna acredita que sempre foi um pouco atriz, mas demorou a entrar para o Departamento de Arte Dramática como estudante. O primeiro curso universitário na vida da jovem foi Arquitetura. Chegou a cursar quatro anos da faculdade. Apesar dos pais serem liberais e gostarem de arte, naquela época era mais difícil admitir que queria fazer teatro. A entrada no DAD foi posterior, já que por dois anos Mirna levou os ambos os cursos em paralelo: “Foi só o tempo de tomar coragem, assumir a minha vocação e abandonar Arquitetura de vez”.

Ainda durante a graduação, a estudante começou a dar aulas de teatro no Israelita, o seu colégio. Toda a sua vida escolar foi dentro dela, onde aprendeu a “brincar de teatro”: “É um excelente colégio, que tem uma vinculação muito forte com a arte”.

Atriz de teatro, cinema, televisão e rádio. Professora universitária. Pesquisadora. Radialista. Autora de livros sobre a formação do ator e a história do radioteatro gaúcho. “Me atrai tudo que estiver relacionado com a atuação, meu primeiro olhar sobre as coisas é o olhar da atriz”.



Mirna Spritzer

FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

A atriz que precisa de raízes para voar

“A beleza no cinema é uma coisa contagiante: ver grandes atores interpretando é arrepiante. O teatro é mais difícil para mim, mas também, se chego a me emocionar no teatro, é arrebatador.”

Jornal da Universidade – És muito ligada com a cidade de Porto Alegre, com o que ela faz na cultura. O que ela representa para ti?

Mirna Spritzer – Acho que é o lugar das minhas raízes. Tenho uma ligação muito profunda com Porto Alegre. O que não quer dizer que eu não tenha uma relação, às vezes, de muita irritação com essa cidade.

JU – Por que essa irritação?

MS – Quintana falava que Porto Alegre é pequenamente grande e grandemente pequena, porque é essencialmente provinciana. Hoje em dia já consigo conviver bem com isso. Como mercado de trabalho artístico, ela é inviável. Eu sempre quis ficar aqui, pois gostava da ideia de que faria o teatro que escolhi fazer, e fui criando outras raízes. A UFRGS então tem uma figueira plantada... Porque amo ser professora. Uma parte de mim precisa voar, mas outra precisa ter raízes. Talvez essa sensação de segurança que a raiz me dá, me permite voar, experimentar...

JU – E a família do teatro, dos amigos?

MS – Eu sou uma pessoa, graças a Deus, rodeada de amigos e gosto disso, de conversar, de ter gente...

JU – As tuas horas de lazer são entre amigos?

MS – Sim, mas também tem um outro lado que quer ficar quieta, lendo, ouvindo rádio, devaneando...

JU – O que gostas de ouvir no rádio?

MS – Gente falando!

JU – Qualquer tipo de gente, de programa?

MS – Sim. O que menos ouço no rádio é música. Quando quero ouvir música ouço a minha seleção, dificilmente vou ligar o rádio. O rádio é muito companhia, nesse sentido da fala...daí o gosto pela ficção radiofônica, radioatores...

JU – E televisão, tu assistes?

MS – Assistio menos hoje. O que

mais gosto de ver atualmente na TV são seriados, *sitcoms*, tipo “Friends”. Isto me distrai, me faz rir.

JU – Novelas?

MS – De vez em quando, para ver quem está trabalhando, o que está fazendo... para acompanhar o trabalho das pessoas.

JU – E em termos de cinema, quais tuas preferências?

MS – Gosto de quase tudo. Amo cinema. Só não gosto de violência, de ação demais, acho histérico, me dá taquicardia, não posso.

JU – Mas tu consegues assistir somente por diversão ou é sempre como trabalho?

MS – Eu acho cinema apaixonante de qualquer maneira... Eu sou daquelas tipo *A rosa púrpura do Cairo* do Woody Allen, me sento no cinema e vou pra dentro do filme. É claro que tem trabalhos de atuação que me inspiram. E sou uma romântica incorrigível. Choro muito em cinema. Num filme muito lindo, eu choro. Um filme muito triste? Eu choro! A beleza no cinema é uma coisa contagiante: ver grandes atores interpretando é arrepiante. O teatro é mais difícil para mim, mas também, se chego a me emocionar no teatro, é arrebatador. Acho que de um filme médio, tu consegues gostar; uma peça média, é mais complicado e uma peça ruim, é arrasadora. Porque um filme ruim pode ter uma fotografia bonita, pode ter um bom ator. Agora, numa peça ruim, tu estás sentada no mesmo local da ação, respiras junto com os ato-

res, aquilo está se desdobrando ali na tua frente. E uma peça boa te leva à loucura...

JU – Quem admiras no teatro?

MS – Tivemos recentemente o espetáculo da Ariane Mnouchkine, do Théâtre du Soleil, que foi uma glória. Já os tinha assistido em Paris anos atrás. Admiro esse grupo como grupo, como pesquisa de linguagem cênica, por ter investido no teatro nacional que ele tem de mais essencial. Gosto de Peter Brook. Outro exemplo, o Grupo Galpão que se utiliza das possibilidades dessa cumplicidade do grupo. Tem um exercício de confiança nisso, de estar juntos em cena, que ultrapassa todos os limites e faz com que o espetáculo de teatro seja muito completo, aconteça realmente em cena. Penso que no Teatro Vivo tínhamos isto. Acho que tem muita gente para se admirar no Brasil, o Antunes Filho, uma pessoa que já passou por todas as tendências e continua se fazendo perguntas sobre o o ator, o teatro, a ação. Continuo tendo grande admiração pelo teatro de Bertolt Brecht, com quem eu me criei na profissão. Acho que ainda tem muito a dizer e fazer sobre a estética brechtiana. Gostaria de fazer hoje, 2007, século XXI, o que corresponderia ao Brecht neste mundo dito fragmentado, pós, pós, pós! O teatro é artesanal e milenar, mas é a arte do presente: acontece naquela hora, naquele lugar, entre todas aquelas pessoas. Esse é um desafio fascinante: como ser teatro hoje?

JU – Como tu vês a cultura na Universidade atualmente?

MS – Eu acho que a Universidade que queremos é a Universidade onde as coisas estão acontecendo. Uma Universidade pulsante.

JU – E a UFRGS ainda é pulsante?

MS – Já disse, sou uma romântica incorrigível. Das coisas que gosto, eu gosto muito... Acho que pode voltar a pulsar. Ainda acho, digam o que disserem, que é um excelente lugar para se estar, com raízes e com asas.

Onde estão as terras firmes

UFRGS “Minha segunda casa mesmo. Eu fui aluna, sou professora, fiz Mestrado e Doutorado aqui dentro; e tenho orgulho de estar aqui. São mais de 20 anos”.

Mirna Spritzer ingressou na Faculdade de Arquitetura em 1976, onde permaneceu até 1979. Em 1977, também entrou para o Departamento de Arte Dramática. Formou-se Bacharel em Artes Cênicas – Habilitação Interpretação Teatral em 1982. Quatro anos depois, entrou para o quadro de professores do DAD, através de concurso. Na Faculdade de Educação, defendeu seu mestrado em 1999, obtendo a passagem direta para o doutorado, defendido em 2005. Ambos, mestrado e doutorado, estão relacionados com a formação de atores. “Ser professora é algo que me apaixona, presenciar o processo de criação de atores em formação é arrebatador”.

RELIGIÃO “A minha casa era uma casa judaica! Nunca senti isso como um peso, sempre como uma coisa agradável. O meu elo com o Judaísmo é meu pai e minha mãe. A relação com o estudo e a leitura também vinha daí. Talvez por isso, eu e meus irmãos hoje somos professores. O judaísmo representa para mim uma família forte, o humanismo, a fé.”

“Meus pais vieram jovens para o Brasil e se naturalizaram brasileiros. Trago comigo o amor e a força de ambos. De meu pai, o senso de justiça e a mais absoluta franqueza. De minha mãe, uma força e coragem inacreditáveis. E a doce nostalgia do sabor da sopa de Kneidalach.”

TEATRO VIVO “Uma grande escola pra mim. Com a Irene Brietzke aprendi talvez a coisa mais fundamental que foi ser uma artista. Acho que isso repercutiu na forma como sou professora e atriz. A minha maneira de ver e ensinar o teatro está contaminada – no bom sentido – com essa consciência de ser uma artista.”

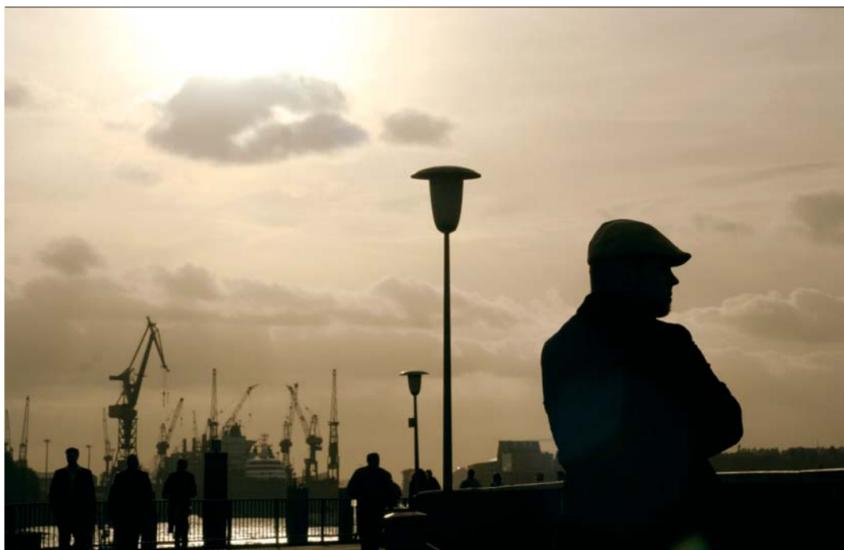
FAMÍLIA “Completamos 25 anos de convívio, meu companheiro e eu. Fomos casando aos poucos. Minha filha tem quase 16 anos. Ambos são ligados à música, ela ao piano e ele ao violão. Isto me emociona e me deixa plena de orgulho. Há momentos que em minha casa podem se ouvir acordes de todos os lados. Somos uma linda família.”



1985: Mirna em *A Aurora da Minha Vida*, dirigida por Irene Brietzke

ARQUIVO PESSOAL

ENSAIO



Reconhecido por sua destacada atuação em pesquisa, o professor Roberto Giugliani, atual chefe do Serviço de Genética Médica do HCPA, tem uma outra paixão: a fotografia. Antes dos 15 anos, interessou-se pela idéia de fotografar, ao tomar posse de uma antiga máquina da família e ganhar, de um tio generoso, um ampliador. Compartilhou seu primeiro laboratório com o, na época também novato, Leonid Straliev. Estudava no Colégio de Aplicação e passou a fazer retratos dos colegas e dos filhos dos professores. Depois, trabalhou como *free-lancer* para agências de publicidade e editoras, tendo sido quase seduzido pela fotografia como profissão. Na época, seu interesse maior era a Biologia, mas enxergou na Medicina uma oportunidade de fazer biologia aplicada. Até a metade do curso, conseguiu conciliar a carreira de fotógrafo com o estudo. Na década de 70, deixou a atividade de fotógrafo, passando a dar aulas de fotografia no Colégio de Aplicação, quando organizou o primeiro laboratório fotográfico da escola. Ele acha que uma boa imagem é aquela em que o instante captado registra algo que aconteceu um pouco antes e projeta o que pode ocorrer logo após. Por isso, suas fotos não são posadas e quase sempre contam com o acaso. “Na Genética acontecem mutações não planejadas, que originam a variação que resultará na evolução. As melhores mutações serão selecionadas pelo ambiente. Assim, o acaso também tem um papel na Biologia”, diz o pesquisador-fotógrafo. As imagens deste ensaio mostram pessoas em diferentes lugares do mundo: algumas estão sozinhas, outras, em situação de encontro. Roberto sinaliza que o fato de preferir fotografar silhuetas humanas; projetadas contra um cenário ora disforme, ora grandioso, pode ter algo a ver com Medicina e suas limitações. “Apesar dos enormes avanços científicos em Genética Médica, na maioria das situações, o que se pode oferecer aos pacientes é um pouco de conforto, e fazer isso é importante, pois contribui para projetar a pessoa em seu ambiente.” Na definição de um amigo, suas fotos percorrem os jogos de luz e sombra que projetam a figura humana em inquietantes nuances.



/ FOTOS **ROBERTO GIUGLIANI** / TEXTO **ÂNIA CHALA**

Sombras e lugares



A partir do alto, em sentido horário:
Hamburgo, Alemanha; São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro; Bahia; Paris; Sydney; Roma e Londres.

